

**“Teoria Folclórica de Câmara Cascudo: 10 outras lendas e mitos de Arez-RN,
Contos *Universais* e Locais (Texto Ampliado)”**
”

André Valério Sales¹

PREFÁCIO

André Valério Sales, pesquisador, filho de Arez, município do Rio Grande do Norte, também celeiro de tradições e história, escreve e nos concede o privilégio de prefaciá-lo: **Câmara Cascudo: o que é o folclore, lenda, mito e a presença lendária dos holandeses no Brasil.**

Reconhecemos ser um trabalho que merece ampla divulgação, vez que enfoca uma temática de interesse geral, sobretudo para os estudiosos da influência holandesa, sempre com base na ótica do mestre *Câmara Cascudo*, a quem o autor dedica a maior parte de suas considerações para efetivação do livro que ora apreciamos.

Decerto, visando um conhecimento melhor e mais abrangente em torno do assunto que *André Sales* explicita, a nossa atenção se direciona para alguns aspectos da presença holandesa em terras de Arez, graças à sua comprovada importância nos limites da nossa cultura histórica.

Soube o autor abordar os variados ângulos dessa sua pesquisa, reportando-se, acima de tudo, aos estudos valiosos do papa do folclore, genial e humilde, e de suas ilações, em quatro capítulos, trazendo ao público leitor uma gama de comentários que representam e traduzem uma grande contribuição aos amantes de nossa história regional.

Evidentemente, lê-se neste trabalho algo acerca do Folclore, Lendas e Mitos, envolvendo a participação atuante dos flamengos nas terras arezenses.

Daí, a nossa certeza de que este trabalho irá concorrer para um maior incremento na esfera da pesquisa, aliado a outros já editados, a exemplo dos escritos, também, do saudoso confrade e historiador Olavo de Medeiros Filho (1934-2005).

Eis, afinal, o livro de *André Sales* à disposição de quantos se interessam pelas coisas de nossa História. É ele um devotado pela Cultura Popular, sendo bacharelado em Serviço Social, com mestrado na mesma área. Ensina Pesquisa e Metodologia das Ciências Sociais na Universidade Federal da Paraíba (1996/1997).

Reside em Arez há 10 anos. Como aluno especial, vem cursando o doutorado em Sociologia na Universidade Federal da Paraíba já há alguns anos.

Vamos mais além: Durante o ano de 2001 exerceu a atividade de assistente social na prefeitura de Arez, vindo a fundar, em 2003, o jornal *Folha de História Social de Arez*.

¹ Possui os títulos de Graduação (UECE, 1991) e Mestrado em Serviço Social (UEPB, 1996). Tem 12 livros publicados (até 2019) acerca da História de Arez, do Rio Grande do Norte e da Vida e Obra de Câmara Cascudo. Em **2006**, **Afonso Romano de Sant’Anna** lhe entregou o prêmio de **melhor livro cascudiano/antropológico do Rio Grande do Norte** (Prefeitura do Natal). Em **2019**, o Prefeito de Natal, **Álvaro Dias**, lhe entregou o prêmio de melhor autor e livro acerca do Folclore e da Vida, Obra e Cascudianos.

Aqui está uma publicação de *André Valério Sales* para conhecimento dos leitores, sempre no afã de saberem mais no campo da História.

Que a sua leitura venha engrandecer e valorizar as iniciativas da Cultura, que é eterna.

Natal (RN), 29 de junho de 2006
- Dia de São Pedro -

Enélio Lima Petrovich
Presidente do IHG/RN)

INTRODUÇÃO

Antes de iniciar a exposição do conteúdo do livro, acredito ser necessário esclarecer alguns pontos essenciais para que ele seja melhor entendido:

1º) Esse livro trata principalmente de dois temas gerais: a obra etnográfica-antropológica de Câmara Cascudo e a Invasão Holandesa no Brasil².

Apesar de serem assuntos diferentes entre si, estes são, ao mesmo tempo, temas totalmente imbricados um ao outro. Por quê? Porque não se pode falar da Ocupação Holandesa sem que se recorra também a livros clássicos de Cascudo sobre o tema (como, por exemplo, o *Geografia do Brasil Holandês*, de 1956³), da mesma forma que não se pode tratar da obra cascudiana sem se aludir à sua importante contribuição para a História do Brasil no capítulo que se refere a Invasão Holandesa no Nordeste (1630 a 1654).

Elegemos a cidade de Arez/RN, ocupada pelos holandeses na época da Invasão ao Brasil, no século XVII, como unidade de análise para uma Pesquisa de Campo, realizada entre janeiro e julho de 2004, com 22 moradores da cidade, na maioria, idosos. Como também colhemos e analisamos dados sobre outras 10 Lendas e Mitos, afora as Lendas Holandesas, em se considerando a riqueza desta avaliação etnográfica-antropológica, embasada que foi na *Teoria Folclórica* de Câmara Cascudo, decidi publicá-las em Anexo, ao final do livro.

Os resultados de todo este trabalho comprovam o que Cascudo já demonstrou: que “as histórias mais populares no Brasil, não são as mais regionais ou julgadoamente nascidas no país mas aquelas de **caráter universal** [ou geral], antigas, seculares, espalhadas por quase toda a superfície da terra” (1978: 33), assim como também ele já afirmou que “*Os mitos do litoral são de todo*

² Essa é a minha segunda obra literária a ser publicada enquanto livro (o primeiro intitula-se *Trabalho Infantil, Crise do Trabalho, Simmel e Marx: Ensaios Sociológicos*, de 2006). O livro que ora o leitor tem em mãos, acerca das Lendas Holandesas e da Teoria Folclórica cascudiana, foi concorrente e premiado com o **1º lugar** no “Concurso Literário Câmara Cascudo/2005 (Prosa)”, promovido pela Prefeitura Municipal de Natal/RN (em março de 2006) através da Fundação Capitania das Artes. Nesta Fundação, em 14 de março de 2006, o prêmio foi entregue ao autor pelas mãos do Prefeito de Natal, Dr. Carlos Eduardo Alves e do imortal da ABL, Affonso Romano de Sant’Anna. A Banca Examinadora foi composta pelos professores: Dr. Diógenes da Cunha Lima, Moisés de Lima e Francinete de Oliveira. O *Prêmio Literário Câmara Cascudo* foi criado pela Câmara Municipal de Natal através da Lei nº 4.101, de 2 de setembro de 1964, na gestão do Prefeito Almirante Tertius César Pires de Lima, por iniciativa do Vereador Eugênio Neto. Seu primeiro ganhador foi o escritor e artista plástico potiguar Newton Navarro, em 30/12/1964 (Cunha Lima, 1998: 216; ver também Itamar de Souza, 1998: 89).

³ Segundo o historiador Pedro Puntoni (da USP), nos estudos da História da Invasão Holandesa no Brasil, o livro de Cascudo *Geografia do Brasil Holandês* é uma “*referência obrigatória*” (2003: 90), um clássico, tal como a obra-prima de referência neste assunto, de José Antônio Gonsalves de Mello, *Tempo dos Flamengos*, e os estudos imprescindíveis de Evaldo Cabral de Mello: *Rubro Veio; Olinda Restaurada; O Negócio do Brasil; e Nassau*). No caso das pesquisas contemporâneas acerca especificamente do Rio Grande do Norte, a referência maior é o livro de Olavo de Medeiros Filho: *Os Holandeses na Capitania do Rio Grande*.

Nordeste, de todo Brasil” (1976: 27), o que pode ser comprovado ao se consultar tanto o seu livro *Literatura Oral no Brasil*, quanto o *Geografia dos Mitos Brasileiros*, por isso é que o título deste meu livro, mesmo tendo como unidade de análise da Pesquisa de Campo a pequena Arez, refere-se a Lendas do Brasil. Comprovo minha especialidade no estudo da obra cascudiana em SALES, A. V. (2007, 2007a, 2012, 2013, 2014, 2015, 2017).

Gilberto Freyre também já destacou que “As *marcas* que a ocupação holandesa do Norte [leia-se Nordeste] deixou no *Brasil* são das que dificilmente desaparecem não só do corpo como da consciência – e do inconsciente – de um povo” (1987: 14).

2º) Sobre a “Presença” lendária dos holandeses no Brasil, ainda hoje (apesar de já passarem mais de 3 séculos de sua expulsão de nosso país), por meio das Lendas que eles nos deixaram e que continuam vivas em nossas memórias:

É Cascudo quem afirma que os holandeses não são apenas um assunto de pesquisa histórica ou antropológica, mas “uma **Presença**”, atual e **viva** na memória popular nordestina. Ele assegura em seu livro *Geografia do Brasil Holandês* que não encontrou os holandeses apenas nos livros, nos mapas, etc., mas que também os encontrou na “recordação **inconsciente**” de sua ocupação no Brasil (entre 1630 e 1654), uma ocupação que, mesmo passados mais de 3 séculos, é “inapagável na memória nordestina” (1956: 13). O historiador Marcos Silva (da USP), lembra que Cascudo “não encarava autos e mitos [ou lendas] como exotismos, e sim, como grandes aventuras do pensamento e da imaginação, em diálogo com tradições ancestrais, e ao mesmo tempo como manifestações de um presente imediato” (2006: 1). Por exemplo, ao analisar Mitos em seu livro *Geografia dos Mitos Brasileiros*, alguns registrados no Brasil há mais de 400 anos (como o Boitatá/Batatão), Cascudo afirma que todos aqueles mitos presentes em seu livro são “mitos ainda vivos, correntes e crentes na imaginação popular” (1976: xv); e sobre o mesmo assunto ainda acrescenta (em seu livro *Tradição, Ciência do Povo*) que “Todas essas memórias ficaram vivas nas reminiscências brasileiras”, são verdadeiras Presenças, vivas e “ativas na química de todos os pavores coletivos” (1971: 157).

Neste livro estabeleço a hipótese, e comprovo, que ainda que o Brasil tenha passado, nesses últimos 350 anos, por tantas e tão grandes mudanças (políticas, sociais, econômicas), nós **herdamos permanências seculares** do tempo da invasão holandesa em nossas terras, configurando uma *Presença* que continua viva na memória popular, principalmente dos nordestinos, desde os anos 1600. Por exemplo: histórias de construções miraculosas, de túneis subterrâneos e de tesouros enterrados pelos holandeses em Recife e Olinda (PE), João Pessoa (PB), Fortaleza (CE), Natal e Arez (RN), etc.; ou de uma Ilha que seria “mal-assombrada” pelos fantasmas dos flamengos mortos ali. Lendas que até hoje permanecem vivas e conhecidas por quase toda a população de uma cidade, que são medos coletivos, partilhados por todos, que se estendem por todos os espaços e que, inclusive, atravessam as classes sociais: são medos compartilhados por ricos e pobres, adultos e crianças, homens e mulheres.

Após a pesquisa bibliográfica e a Pesquisa de Campo, demonstro que a Presença real dos holandeses no Brasil, ocorrida no Século XVII, ainda continua viva no imaginário popular dos nordestinos, de modo geral, e dos arezenses – de modo particular. Isto significa que os batavos, apesar do tempo e da distância que nos separa, continuam Presentes, de forma lendária (e, portanto, *imaterial*), até hoje, em nossa vida cotidiana atual e, por isso, pode-se dizer, fazem também parte de nossa história brasileira contemporânea. Ou ainda, este trabalho etnográfico me fez mergulhar, junto com os entrevistados, num passado secular e confirma a Presença, na atualidade, de sensibilidades/representações coletivas criadas-inventadas e transmitidas pela oralidade popular há mais de 300 anos. Neste caso, “opera [ainda] o peso de um passado que está [muito] longe” de nossos dias atuais, mas que, no entanto, são heranças que refletem *na atualidade* o nosso *passado longínquo* (Vovelle, 1991: 321). Evaldo Cabral de Mello, o maior historiador vivo do tema “Brasil Holandês”, em seu livro clássico *Rubro Veio*, considera impressionante a “*presença mítica* da ocupação neerlandesa no imaginário popular” nordestino (1997: 356).

3º) Sobre a Ilha do Flamengo ser um importante patrimônio material de nossa história (do Brasil, da Holanda e de Arez/RN) e não ser reconhecido pelos poderes públicos:

- em certa parte deste meu livro Hélio Galvão vai reclamar do descaso das pessoas e instituições com aquela Ilha, e pode ficar parecendo ao leitor que ninguém no Rio Grande do Norte está preocupado com ela. No livro *Cartas da Praia* (de 1967), Galvão escreve: “Ao passar ontem nas proximidades [da Ilha do Flamengo, em Arez] recordei os dias que visitei a Ilha, sendo escavada por um oficial reformado do Exército que no Rio de Janeiro sonhara com um tesouro ali guardado” (p. 34).

Hoje em dia (em 1967), continua o autor, “Acabaram-se os canhões [que restaram da ocupação flamenga] e acabou-se a Ilha com o seu cruel desmatamento”. Apaixonado por sua terra natal, Tibau do Sul, também às margens da Lagoa de Guaraíras, aquele historiador pergunta, indignado: “onde estão as instituições incumbidas pelo seu destino de preservar nosso patrimônio histórico, que não se interessam pela Ilha do Flamengo, restaurando-a como relíquia de um dos mais marcantes episódios da nossa História colonial?”; e mais: onde estão aquelas pessoas “que se apaixonam pelas coisas boas? Saia[m] de onde estiver[em] e venha[m]. (...) ninguém deve esperar pelo governo. O que importa é ressuscitar a Ilha (...). Quem é capaz disso? De quem é a Ilha? De algum particular? Então que seja desapropriada. De domínio da União? Então venha um órgão da União. De quem é? Ninguém sabe? Então é nossa. É um pedaço do **nosso patrimônio**, falando de um pedaço da nossa história” (p. 35).

- por isso, esclareço que o pesquisador André Valério Sales vem estudando a história da Ilha do Flamengo e da Ocupação Holandesa no Nordeste do Brasil já há 10 anos e que, preocupado com o destino da Ilha, já escreveu o livro *História e Sociologia da Invasão Holandesa em Arez/RN (1634 a 1652)*, que se encontra em processo de revisão para ser publicado em breve, e também escreveu este outro livro que ora o leitor tem em mãos, que trata da presença holandesa no Brasil, tanto nos anos 1600 quanto ainda hoje, sob a forma de Lenda. Além disso, o autor mobilizou a Associação de Cultura de Arez, em dezembro de 2005, e entrou com o pedido de tombamento da Ilha do Flamengo como **Patrimônio Histórico Nacional** junto ao IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico Nacional). Os responsáveis pelo processo, no IPHAN, visitaram a Ilha em 10 de março de 2006 e até aqui, fevereiro de 2007, Arez aguarda uma resposta oficial daquele órgão.

- há que se destacar, portanto, respondendo a Hélio Galvão, que existem pessoas e instituições, atualmente, pesquisando e trabalhando tanto pela preservação da História da Ilha quanto pela preservação daquele patrimônio material de interesse para História do Brasil e da Holanda. Esperamos que em breve possamos anunciar o tombamento da Ilha como Patrimônio Histórico Nacional.

4º) Sobre o desdobramento do presente livro em mais um outro, acerca do Método de Pesquisa de Câmara Cascudo:

A preocupação em definir a *Teoria Folclórica* e, conseqüentemente, o Método de Pesquisa e Análise de Cascudo, demandou uma discussão tão longa que me obrigou a compor um outro livro, com base na obra cascudiana, especialmente para esclarecer estas questões: ***Câmara Cascudo: O Método de Pesquisa, sua Teoria Folclórica e sua Relação Política com as Classes Populares*** (Sales, 2007: no prelo), a ser lançado brevemente. Nele, analiso mais detalhadamente as apreciações de Cascudo sobre a Antropologia e a Etnografia, além de discutir as questões relacionadas ao seu Método de Análise Etnográfico-Antropológico; sua *Teoria Folclórica*; sua postura metodológica e os conceitos de Cultura Erudita e Cultura Popular (a perspectiva da *Circularidade* entre as culturas); a **universalidade** de sua obra etnográfica/folclórica; sua posição em termos de política partidária na época do Integralismo e durante o regime militar após 1964; a relação do homem Câmara Cascudo com as classes populares; e sua proximidade com os temas de interesse da “Nova História”.

Devo finalizar esta Introdução louvando a existência do “Concurso Literário Câmara Cascudo”, pois contribui para estimular a pesquisa e para a divulgação das culturas populares brasileiras e, especificamente, as do Rio Grande do Norte. É deveras importante promover o conhecimento sobre a rica diversidade cultural brasileira e potiguar, como elemento fundamental para a *consolidação de nossa identidade cultural*. Também é extraordinário que o Concurso direcione seu foco para estudos embasados na obra do professor Luís da Câmara Cascudo, ajudando a promover uma maior divulgação e o conseqüente maior aceso do público para o vasto e rico material produzido por este historiador.

Adiante, no 1º Capítulo, iniciamos fazendo “Algumas Considerações Sobre o Mestre Luís da Câmara Cascudo (1898-1986)”; no 2º Capítulo, buscamos diferenciar os “Conceitos de Folclore e Cultura Popular a Partir das Idéias Cascudianas”; no 3º Capítulo, esclarecemos “Os Conceitos de Lenda e Mito Segundo Câmara Cascudo”; descrevemos e analisamos no 4º Capítulo o material etnográfico colhido na Pesquisa de Campo, concentrando-nos apenas nas “Lendas Holandesas Deixadas pelos Flamengos em sua Passagem pelo Nordeste do Brasil (de 1630 a 1654)”, aproveitando para apresentarmos um pouco da história de Arez para o leitor; e por fim, consideramos importante publicar em *Anexo* a descrição e análise das 10 “Outras Lendas e Mitos de Arez: Universais e Locais”, que mesmo separadas do interesse pela História dos Holandeses no Brasil, também fizeram parte deste trabalho.

“10 OUTRAS LENDAS E MITOS DE AREZ: UNIVERSAIS E LOCAIS”

As Lendas Descritas Pelo Povo de Arez:

Neste *Anexo* decidi registrar a existência de outras **dez** das principais Lendas e Mitos coletas em Arez/RN, afora as Lendas Holandesas analisadas no Capítulo 4 deste livro. São Lendas que ainda hoje, desde tempos imemoriais, persistem no imaginário popular nordestino e que são transmitidos, de geração a geração, através da oralidade. O estudo etnográfico-antropológico que resultou no presente livro recorreu tanto à *Teoria Folclórica* de Câmara Cascudo, quanto ao auxílio da Pesquisa de Campo (entre janeiro e julho de 2004, recolhi os depoimentos *formais* de 22 dos moradores *mais idosos* de Arez, além de ter ouvido informalmente mais 16 pessoas). A preocupação era ter como base estórias e histórias *colhidas diretamente* de boas *fontes orais*. Câmara Cascudo já afirmava que às vezes *uma pessoa é um verdadeiro “arquivo vivo”* (1978: 168).

Gwyn Prins observa que, quando o assunto é a relação da teoria com a oralidade, há um caminho de mão dupla, pois tanto “os *dados orais* servem para confirmar outras fontes [como o material teórico pesquisado acerca das Lendas], assim como as outras fontes servem para confirmá-los” (1992a: 194-195). Colhidos os dados orais, o material empírico para análise, o pesquisador deve buscar distinguir o que é confissão da pessoa que narra e o que invenção. Distinguir o que o entrevistado está confidenciando – o que ele tenha visto ou ouvido, ou mesmo, ouvido falar – do que ele está inventando, pois sabemos que, quando o assunto é o *sobrenatural*, as pessoas fantasiam muito. Por isso, o pesquisador há que ter bastante cuidado com o tênue limite que há entre o que é pura imaginação do narrador (invenção) e o que realmente ocorreu, entre a verdade e a mentira, limite este às vezes impossível de ser distinguido.

Nas palavras de Euclides da Cunha, autor de *Os Sertões*: “segundo o hábito dos narradores do sertão”, as Lendas por eles narradas sempre são “entretécidas de *exageros*” (1979: 108). Maria Luíza Carneiro assinala que “A transposição para o Brasil [das Lendas européias] se altera ao ser consumida pelo povo que a recebe, amolda e transforma, emprestando-lhe traços de sua fé e suas

superstições” (2003: 204), e Cascudo acrescenta que o nordestino com “suas mãos rudes modifica tudo quanto lhe passa ao alcance da compreensão” (1976: 6).

Também, é preciso que se esclareça de antemão, que se essas Lendas e Mitos persistem e se difundem no imaginário popular através dos anos e até de séculos, é porque têm alguma função social a cumprir que também persiste através do tempo. É preciso, por exemplo, contar histórias que ajudem a inculcar na cabeça das crianças o **medo** de sair à rua à noite, por motivos óbvios de segurança, esta sendo portanto a *função social* que cumprem algumas Lendas mais comuns hoje, como a do Papa-Figo, assim como as Lendas dos fantasmas noturnos que rondam as ruas desertas (como o Cavaleiro Sem cabeça, a Mulher da Saia Dura, da Procissão das Almas, do Berrador), etc.

Observamos que mesmo numa pequena cidade do Brasil, como Arez, como pouco mais de 11 mil habitantes, encontramos Lendas e Mitos presentes na memória coletiva que são *Locais*, mas também detectamos a existência de Mitos *Nacionais* e *Universais* que ligam o imaginário popular dos nordestinos a mentalidades *universais* (como no caso dos Mitos que envolvem as Serpentes Gigantes). Os Mitos de caráter *universal* emigraram para o Brasil juntamente com os colonos portugueses (europeus), portanto, são fatos folclóricos que transcendem a Cultura Popular e o Folclore local e nacional. No caso do Brasil, Câmara Cascudo demonstra (tanto no livro *Literatura Oral no Brasil*, quanto no *Geografia dos Mitos Brasileiros*) que “as histórias mais populares no Brasil, não são as mais regionais ou julgadoamente nascidas no país mas aquelas de caráter *universal*, antigas, seculares, espalhadas por quase toda a superfície da *terra*” (1978: 33).

Pôde-se concluir também com esta pesquisa que da mesma maneira que no Brasil as *Culturas* (Erudita, Popular e Folclore) são *descendentes* diretas eminentemente dos *portugueses*, ou seja, da *Cultura Européia*, e leia-se nessa herança européia, essencialmente, a herança do *catolicismo*, o mesmo também ocorre na pequena cidade brasileira escolhida para unidade de análise (Arez/RN). Cascudo já constatou também que “Os contos populares [assim como Lendas e Mitos] de Portugal trouxeram para o Brasil histórias religiosas, as de encantamento, com o processo europeu de narrativa” e que “As tradições mais bonitas e conhecidas são, quase totalmente, de fundo comum no Continente [Latino-Americano], entretecidos os fios de muitas e distantes procedências”. Será difícil, afirma o autor, existir “um conto popular sem correspondência [com os contos estrangeiros]”, sem essa “dissolução”, sem essa mistura de uns com outros, nacionais e importados (1978: 175).

Em Portugal, acrescenta Cascudo, também “não é possível calcular a antiguidade dos contos tradicionais. A terra foi revolvida por muitas raças, caldeadas e fundidas em tipos que se fixaram nas regiões naturais” (*id.*: 168-169). Por isso, é muito difícil, por exemplo, querer demarcar as separações – ou estabelecer as fronteiras – existentes entre uma Lenda *Local* e uma Lenda *Universal*, ou ainda: é complicado, sobretudo, responder até a que ponto uma Lenda ou Mito pode ser considerado nacional ou emigrado do estrangeiro (como será visto a seguir).

Acredito que a *permanência* de Lendas e Mitos no cotidiano das pessoas aqui entrevistadas, faz parte, tal como nas palavras de Michel Vovelle, do “tesouro de uma identidade preservada”; são heranças que compõem “a expressão mais autêntica” das atitudes, comportamento, memória e sensibilidades coletivas; são, portanto, “o que há de mais precioso” para este povo. Vovelle considera importante o estudo do Folclore de cada nação, região ou povoado, pois isto valoriza a “tomada de consciência dessas heranças como *positivas*”, assim como também, são uma “defesa de um tesouro ameaçado” (Vovelle, 1991: 327).

Por isso, um de meus objetivos com esta pesquisa também foi o de contribuir para aquilo que o sociólogo Gilberto Freyre denomina de a História Íntima de minha cidade, tendo assim buscado, como parte essencial da coleta de dados, merecer dos entrevistados o que Câmara Cascudo chama de sua “*delicada confiança*”, em vistas de serem eles “conhecedores de muita intimidade” da História e da Literatura Oral de Arez. Moro nesta cidade e, por isso, conheço todas as pessoas citadas, desse modo, tudo aqui relatado ou descrito faz parte de também de minha experiência pessoal, de minhas reminiscências⁴.

⁴ No meu caso específico, que inclusive vou me expor como depoente, mais diante, quero esclarecer que também sou testemunha dos fatos lendários aqui narrados. Sou observador, pesquisador entrevistador, além do que mais, ao mesmo

Desde o início, para um melhor entendimento, o tema teve que ser dividido em dois: 1) o das *Lendas e Mitos Universais* (aquelas presentes por todo o Brasil e América do Sul, juntamente com aquelas trazidas da Europa pelo colonizador português), que são sete; e 2) *Lendas Locais*, que são três. As Lendas e Mitos mais conhecidos em Arez (segundo a pesquisa realizada em 2004), são:

Lendas e Mitos Universais:

- 1) O “Mito do Fogo do Batatão” (ou, “Fogo-do-Compadre-com-a-Comadre”);
- 2) O “Mito da Florzinha” (ou, “Florzinha do Mato”/antiga *Caipora*), Confundido com a “Lenda do Assoviador”;
- 3) O “Mito do Zumbi-de-Cavalo”;
- 4) O “Mito do “Homem do Saco” (ou, “Papa-Figo”);
- 5) A “Lenda da Procissão das Almas” (antiga “Missa dos Defuntos”);
- 6) O “Mito da Serpente Gigante” da Lagoa de Guaraíras;
- 7) A “Lenda do Cavaleiro Sem Cabeça”;

Lendas Locais:

- 8) A “Lenda da Mulher-da-Saia-Dura”;
- 9) A “Lenda do Berrador” (ou, “O Bicho Berrador”).
- 10) A “Lenda do Peixe Gigante” da Lagoa de Aranun;

a) *Lendas e Mitos Universais:*

Os Mitos e Lendas que existem em todo o Mundo, e que permanecem povoando as histórias contadas até hoje em Arez são: os Mitos Ígneos (que envolvem o aparecimento de fogo), como é o caso do *Fogo do Batatão* (ou o *Fogo-do-Compadre-Com-a-Comadre*, conhecido ainda noutras partes do Brasil como *Boitatá*), que é um Mito Ígneo brasileiro e indígena, mas que tem predominância comprovadamente mundial; a Lenda (de origem européia) do *Cavaleiro Sem Cabeça*; a Lenda da *Procissão das Almas*, trazida pelos portugueses (que em Arez tem uma versão bastante interessante e singular); a Lenda do *Zumbi de Cavalo* (que seria a alma/espírito dos animais, que aparece para as pessoas e pode até matá-las); a famosíssima Lenda do *Papa-Figo* (Papa-Fígado), que aqui no Rio Grande do Norte é muito equivocadamente associada – de forma malévola – à figura ilustre da Viúva Machado (moradora de Natal/RN até o início dos anos 80, quando faleceu); o Mito da *Serpente Gigante* que mora na mata, na Lagoa de Guaraíras e que “engole um homem inteiro”, que é um Mito também presente desde o “começo dos tempos” e em todo o mundo, até mesmo entre os indígenas brasileiros. Segundo o professor Cascudo, um fenômeno comum nos fatos do Folclore é tocarmos “num mesmo motivo existente, ao mesmo tempo, em povos diversos” (1978: 93). Também presente por todo o Brasil, assim como na América Latina, podemos destacar o Mito Indígena da *Caipora*, que em parte da região Nordeste passou a ser conhecido apenas com a *Fulôzinha do Mato*, e que é confundida, em Arez, com a *Lenda do Assoviador* (uma Lenda Local).

b) *Lendas Locais:*

Um caso exemplar de Lenda Local em Arez é o da Lenda da *Mulher da Saia Dura*, que envolve uma sobreposição de Lendas diferentes e é perpassada por um conjunto de confusões sobre a história original da Lenda. Também há a Lenda do *Peixe Gigante da Lagoa de Aranun* (que “come até um cachorro inteiro”); a *Lenda do Assoviador*; e a Lenda do *Bicho Berrador* (um bicho encantado do qual se ouve apenas o berro, a altas horas da noite).

tempo, informante. No meu caso, como no caso de todos os pesquisadores na área das Ciências Sociais, sou sujeito de minha pesquisa e, ao mesmo tempo, objeto dela. Por isso, buscando o máximo de objetividade, o meio de não se deixar influenciar pelo objeto de pesquisa, que é a própria sociedade da qual participo como sujeito, é pôr em prática o distanciamento crítico proposto pela Sociologia, assim como a constante “vigilância epistemológica” proposta por Pierre Bordieu.

Lembro, por fim, que após concluir as pesquisas que redundaram no livro *Geografia dos Mitos Brasileiros*, Câmara Cascudo explicou (no Prefácio de 1940) que não existe no Brasil nenhum *Mito Europeu puro*, já que todos os que aqui aportaram, junto com os portugueses, foram “*diversificados* pelos mestiços brasileiros desde o período colonial”. Também destaca que não há em nosso país nenhum *Mito Indígena* de autoria comprovada como sendo 100 % brasileira: “No máximo, ou no mínimo, [os Mitos] são continentais [estão presentes em outros países da América do Sul]”; e conclui declarando que só encontrou em suas pesquisas um único *Mito Africano*, o do Quibungo (1976: xiv). Ou seja, é quase impossível demarcar limites e fronteiras entre as “misturas” existentes entre Mitos e Lendas nacionais, locais e universais⁵.

LENDAS E MITOS UNIVERSAIS (GERAIS):

1. O “Mito do Fogo do Batatão” (ou, “Fogo-do-Compadre-com-a-Comadre”):

É comum a estória de que o Fogo do Batatão já apareceu para várias pessoas de Arez, assustando-as. Aparece como uma tocha de fogo, enorme, ou como duas pequenas bolas de fogo, que correm e circulam no ar, como se estivessem brincando. Porém, esse Mito é *Universal*, ou seja, existe em todo o mundo.

Em seu livro *Geografia dos Mitos Brasileiros* Câmara Cascudo inclui o Mito do Fogo do Batatão (ou Boitatá) nos Mitos Primitivos e Gerais Indígenas (1976: 119 a 122). Ele é um Mito Ígneo (referente ao fogo), entretanto, Cascudo esclarece que normalmente os Mitos Ígneos são estórias que ajudam a contar a origem do fogo, para aquele grupo social, porém, no Brasil o Mito do Batatão “não é um mito ligado à origem do fogo”, e sim, articula-se com Mitos Punitivos, “quando representa uma alma penada”, lembrando os castigos. Ou seja, em nosso país, “em maioria absoluta das informações, o Boitatá é uma *alma penada*, purgando os pecados” (2001: 74).

Os mitos “mais característicos e populares entre a indiada” brasileira, segundo Cascudo, que demonstram sua profundidade “pela *sobrevivência admirável*”, eram: Curupira, Iupiará, Caapora, Saci-Pererê, Uirapuru, Baetátá (Batatá, Batatal, Bitatá, Boitatá, *Batatão*, Mboitatá), Anhangá, Uaiará (Boto) e Jurupari (1978: 111-130).

No entanto, ao final desta discussão veremos que, de acordo com o próprio Câmara Cascudo, o Mito do Fogo do Batatão “é **inteiramente um mito europeu**”, e que “O *Mboitatá* tupi-guarani está atualmente despersonalizado como entidade aborígine”. A prova disto é que o Batatão é tido em São Paulo como “espírito dos não-batizados”, tal como na *Grécia, França e Holanda*. Como *alma penada* é “comum em todos os países europeus. Não pensavam os indígenas brasileiros nessa direção...”. Em resumo, conclui Cascudo: “O fogo-fátuo é um tema universal no folclore e não há país que desconheça narrativas que procuram justificar-lhe a corrida noturna e coruscante” (1976: 120-121).

O Fogo do Batatão é caracterizado, normalmente, por uma “luz vermelho-azulada, extremamente brilhante, que gira em círculo e se divide em números pares, sempre volteando [correndo], antes de desaparecer” (Cascudo, 1976: 148), e é um dos Mitos “mais antigos mitos do Brasil” (2001: 66)⁶. Cascudo lembra, entretanto, que no Brasil o “nome mais popular” do Fogo do Batatão é Boitatá (2001: 74), tal como na famosa obra de Monteiro Lobato: *O Sítio do Pica-Pau Amarelo*.

No seu livro *Geografia dos Mitos Brasileiros* Cascudo enfatiza que o Boitatá existe em todo o Brasil, porém, o autor registra em pormenores histórias do Batatão nos lugares em que ele é mais “comum”, tais como: Alagoas (1976: 333), na Bahia (p. 9), Espírito Santo (p. 11), Paraná (p. 18),

⁵ Consultar também o texto de Cascudo “A Relação Étnica dos mitos Brasileiros” (1976: 31 a 38); e sobre o Mito do Quibungo (*id.*: 35-36).

⁶ Sobre o Mito Ígneo do Fogo do Batatão, consultar na maior pesquisa etnográfica cascudiana, o *Dicionário do Folclore Brasileiro* (2001), os seguintes verbetes: Batatão (p. 55), Biatatá (p. 65-66), Boitatá (p. 73-74), Comadre, Compadre (p. 148), Macaxera (p. 346), Mãe-do-Fogo (p. 349).

Piauí (p. 23), Rio Grande do Norte (pp. 26 e 333), Rio Grande do Sul (p. 38), e Santa Catarina (pp. 28-29 e 338-339).

No caso de Alagoas, nas palavras de Théó Brandão, o Batatão é conhecido como o *Fogo Corredor*, “É a **alma** dos compadres e das comadres que em vida *não guardaram o respeito da Igreja*. São obrigados por isso a **penar** até que seja cumprida a sentença marcada pelo criador” (*apud* Cascudo, 1976: 333). No Rio grande do Norte, explica Cascudo, “explicaram-me que o *Batatão* é o fogo parado e o do *compadre e da comadre* é o [fogo] corredor” (*id.*: 333). Por isso, assinala Cascudo, o Fogo-do-Compadre-com-a-Comadre é uma “modalidade” de Batatão (2001: 148).

O Mito do Fogo do Batatão (ou do Fogo-do-Compadre-com-a-Comadre) é uma das estórias mais interessantes que conheço; inclusive porque muitas pessoas de Arez, de várias idades, já viram. As estórias envolvendo aparições de fogo (os *Mitos Ígneos*) existem desde tempos imemoriais, e em todos os povos, seja na Europa, seja na América Latina ou no Brasil (assim como em Arez), como revela Câmara Cascudo, ocorrendo em diversas civilizações por todo o planeta.

Cascudo cita Gustavo Barroso (“O sertão e o mundo”, *in. As Lendas do Batatão*, Rio de Janeiro: 1923) quando este “informa que há *Jack with a lantern* no País de Gales, *Jan-de-la-Foice* ou *Jan Delafosse* nas praias do Estado de Sergipe e no Japão os *Shinen-Gaki*, fogos errantes”. E ainda acrescenta Cascudo, sobre esta mistura de elementos míticos, entre as diversas culturas, que “O *mboi* tupi e a *mboya* africana convergiram para o mito comum americano, popularizando-o os negros mas de forma curiosa. Esqueceram a etiologia do Sudão e propagaram a estória indígena, com as lendas européias sobre os fogos errantes, santelmos, fogos dos Druidas, Santa Helena, etc, etc. No Texas chamam-no *Will-o-the-wisp*” (1978: 121). No Brasil, desde que os portugueses o “descobriram”, que o Mito é relatado pelos escritores, a partir das narrações indígenas.

O professor Cascudo observa então que o Padre José de Anchieta, escrevendo de São Vicente (SP) (em 30 de maio de 1560) “exibe os primeiros personagens aterradores e confusos” do Brasil, e cita o Baetátá (Batatão) que quer dizer, segundo Anchieta “‘cousa de fogo’, o que é todo fogo. Não se vê outra coisa senão um facho cintilante correndo daqui para ali; acomete rapidamente os Índios e mata-os, como os CURUPIRAS: o que seja isto, ainda não se sabe com certeza” [e talvez não se saiba nunca] (1978: 107-108). Complementa o professor Cascudo que “Inicialmente o *Mboitatá* [Batatão] perseguia e matava. Já não mata mas corre, atraído pela deslocação do ar, deixado pelos espavoridos contraditórios que o deparam, ardendo sem fumo, numa linda luz azulada e viva que se some sem cinza e carvão” (*id.*: 122).

Esses “assombros” encontrados por Anchieta, em meados do século XVI, ainda segundo Cascudo, “na terra extrema da colonização” (na Vila de São Vicente, que hoje é São Paulo), Curupira, Igpupira, Baetátá, “continuam vivendo no extremo norte, no Amazonas, visto e registado por von Martius em 1819” (*Viagem pelo Brasil*), este que, por sua vez, cita o Jurupari, Curupira, Uainara, assim como os “fantasmas de fogo, *Baetátás*” (*id.*: 110).

Há uma explicação científica para o fato: a de que existem gases diferentes na atmosfera terrestre que dependendo do lugar, se encontram e se transformam em luz, ainda que não produzam calor (não queimam, portanto). E faz parte do Mito do Fogo do Batatão, segundo os relatos das entrevistas, o fato de que é um fogo que não queima.

Mas, independente da explicação científica (que é plausível e provável), a beleza da sobrevivência no tempo e da sua persistência na oralidade popular, faz do Mito do Fogo do Batatão um dos mais interessantes do mundo, eu diria. Eu mesmo, particularmente, apaixonei-me pelo assunto, e notei que as pessoas adoram contar tais histórias, descrever o lugar e o episódio, assim como apontar outras pessoas que já viram o Fogo-do-Compadre-com-a-Comadre e que, portanto, poderão confirmar a veracidade de tais visões/aparições. Há casos relatados em Arez, que tal Fogo foi visto por dezenas de pessoas de uma só vez.

Segundo Couto de Magalhães (“O Selvagem”, 1879) antigamente e em certos lugares, “o *Mboitatá* protegia os campos contra os incêndios propositais. Era uma serpente de fogo ou um grosso madeiro em brasa, o *méuan*, fazendo morrer por combustão o incendiador criminoso” (*apud* Cascudo, 1978: 107), e Cascudo acrescenta ainda que ao *Mboitatá* cabe “o direito de proteger os

campos contra os incêndios. Materializava-se numa *serpente de fogo* (cobra, *mboi*, fogo, *tatá*) em vez dos étimos de Anchieta, *mbai*, cousa, *tatá*, fogo, e também como um grosso madeiro em brasa, o *méuan*, que fazia morrer o incendiário” (1978: 120).

Enquanto cobra luminosa, ressalta Cascudo, ou *Víbora de Fuego*, e ainda, Pássaro de Fogo, a Lenda existia já entre os Astecas do México (*Xiuhtecuhtli*, o deus do fogo), entre os Araucanos (na região do Rio da Prata, na Argentina; que têm o Mboi-Tatá (*víbora de fuego*) como um “castigo para os compadres prevaricadores”), assim como na região das Missões no Rio Grande do Sul (*id.*: 120-121).

Passemos agora para os relatos colhidos pela pesquisa após a pergunta de partida: você já ouviu falar nesta Lenda?

Arez (chamada a sede do município):

“Dizem que é uma tocha de fogo, grande. Aparecia na maré, na Lagoa de Guaraíras. Os pescadores que viam, quando iam atrás do facho, quanto mais remavam, mais o fogo crescia e se afastava, até que o pescador se perdia na noite” (Marluce Aires, I⁷).

“O Irmão (...) não é pessoa de mentir; e ele disse que sempre que ia pescar via esse fogo. Aparece mais no mangue” (Rosalvo, A).

“Eu conheço essa estória. Quando eu era pequena, meu pai (Seu Chico) chegou em casa uma noite, dando o maior escândalo, porque tinha visto o Batatão. E ele ouviu também uma cantiga, que acompanhava o fogo, era uma voz feminina que cantava, e ia ficando cada vez mais forte; aí o fogo veio atrás dele e ele correu para casa. Não acreditei. Acho que ele estava inventando” (Célia Freire, A).

“Já ouvi falar. O Batatão é o Fogo do Compadre Com a Comadre” (Seu Francisco Santos).

“Chamam também de ‘Fogo Corredor’. Eu mesmo já me assombrei com ele. Tinha uns dezoito anos. Eu vinha da casa da namorada, era meia noite, ali onde hoje é a Caern (Companhia de Águas e Esgotos do RN) vi aquela bola de fogo em cima do muro, uma tocha de fogo. Ela subia e descia. É um fogo meio azulado, não é vermelho, não. Me assombrei que caí. Naquele tempo não tinha luz elétrica em Arez, era luz de motor, e desligavam o motor cedo. Depois, já trabalhando na Usina, de noite, com uns vinte e cinco anos, vi de novo, ele correndo pelas canas. Corria e parava, depois a tocha subia... O outro cabra que estava comigo ficou com tanto medo que não quis mais trabalhar de noite” (Seu Pedro de Branca, I).

“Conheço como o Fogo do Compadre com a Comadre. No sertão o povo via duas tochas de fogo, brigando. Dizem que se um compadre casar com uma comadre, quando eles morrem, viram aquilo” (D. Vicência, I).

“Já vi. À meia noite, na maré, pescando” (Seu Jovino, I).

Zona Rural de Arez:

“Já ouvi falar. Dois amigos meus – de cerca de 20 anos cada um – juraram ter visto esta bola de fogo, de noite, quando iam a pé para casa (de Nascimento para Mundo Novo). Viram de longe, mas ficaram com muito medo, tanto que disseram não ter mais coragem de andar a pé, de noite, fazendo este mesmo trajeto outra vez, como realmente aconteceu: eles só vêm agora para a Nascimento de carro ou de motocicleta” (André Sales, A).

“Eu já vi. Vi umas três vezes. Da primeira vez, eu estava deitado numa rede, na casa de farinha de Pai Quinzinho. Quando eu vi, fiz carreira. Era de noite. Só aparece essas coisas de noite. Sempre é de noite. Eu pensei que fosse um balão, vindo de Goianinha. Ele queimou, pegou fogo nas mangueiras, pés de café, e correu para o alto, para cima. Essas coisas, no outro dia você vai olhar e o fogo não queimou nada, tá tudo normal como antes. Da segunda vez, eu vi de longe, ali

⁷ Como já citado, classifiquei os depoentes como: *Idosos* (14 entrevistados), representados pela letra “I”; *Adultos* (7 pessoas), identificados pela letra “A”; e *Jovem* (1 pessoa), representado pela letra “J”. A disposição das *descrições*, a seguir, deu-se de forma que possa ajudar ao leitor a perceber da melhor maneira a descrição do fato folclórico. Muitos trechos de depoimentos foram descartados. Portanto, busquei expor apenas as “partes essenciais” do tema em questão.

onde hoje tem aqueles mamoeiros [e apontou o lugar, perto de sua casa]. Da terceira vez, eu vinha da casa da minha namorada e vi uma tochinha de fogo, entre Rio do Meio e Nascimento; passou ao meu lado queimando o capim do tabuleiro. Ele toca fogo nos paus e sai andando, mas no outro dia, se for ver, tá tudo sem queimar” (Seu Zé Agostinho, I).

“Eu já vi o Batatão, de noite, quando caminhava de volta para casa, com minha mãe e tio Horácio. Pode ir perguntar a ele. Eram dois fogos flutuando no ar, que se separavam em dois e depois se juntavam virando uma bola só. Era longe da gente. Na hora, seu Horácio explicou que aquilo era o Fogo do Compadre Com a Comadre” (Francisco Monteiro, J).

“Eu já vi várias vezes. Da vez que eu vinha com Francisco e a mãe dele, é verdade, nós vimos. De primeiro, passava naquele alto acolá, ali naquele coqueiro baixo [perto da casa dele], antes, quando aqui era só mato. Eu cansava de ver ele. Depois que tiraram o mato ele se mudou para aquela sucupira ali [mais longe da casa dele]. Quando botaram a sucupira no chão, ele desapareceu. **Ele não queima.** É um Batatão. Dizem que existem dois fogos: O Batatão e o Fogo do Compadre Com a Comadre, mas para mim os dois são uma coisa só. É uma bola de fogo só, e de uma bola gera duas. Eu ia para Goianinha a pé uma vez, com outras pessoas, e vimos um fogo baixinho, quase pelo chão, na margem do rio. Vinha vindo por cima do rio um fogo só e se virava em dois: na bola do lado esquerdo a gente via a cara de uma mulher, na bola do lado direito, a cara de um homem. Só se vê de noite. Ele não queima, mas eu ouvi os mais velhos dizerem que se ele encostar na carnaúba ela pega fogo” (Seu Horácio, I, *in memoriam*).

“Eu tinha de 16 para 17 anos, vinha com minha mãe, à noite, descendo a ladeira para casa. No meio do caminho, onde tinha uns cajueiros muito altos, nós vimos, no meio do caminho, atrapalhando nossa passagem, aquela coisa de fogo, que clareava tudo ao redor (não sei se uma bola ou um facho de fogo), mas aquilo subia, descia, se apartava e se juntava, corria para o alto das árvores e voltava para o chão, e minha mãe ficou pacientemente esperando que aquilo deixasse a gente passar, continuar nosso caminho para casa; minha mãe era uma mulher muito corajosa; já eu, fiquei com muito medo. Quando a gente conseguiu passar, eu corri na frente, numa carreira danada, para casa, deixei minha mãe para trás. Quando cheguei em casa desmaiei imediatamente, não vi mias nada. Depois eu soube que aquilo era o Fogo-do-Compadre-com-a-Comadre” (Maria das Neves, I).

“Disse que é um facho de fogo grande, e que se vê um homem e uma mulher dentro, inteiros, em pé. Mas eu conheço como o Fogo do Compadre com a Comadre, não como Batatão. Disse que é se o compadre namorar com a comadre, que eles viram isso” (Lucinha, J).

“Já vi muito. Quando ele dá assim, acaba com o pau [a árvore]. O que eu vi era uma bola de fogo que subia e se dividia em duas, e se juntava de novo numa bola só” (Seu Antônio Felix, I).

“Eu já vi. Ali naquela mata. Um fogo redondo. Depois, a gente vai olhar e não queimou nada. Era fora de hora, de onze e meia para a meia noite. Queima, e na mesma hora, não tem nada” (Maria do Céu, I).

“Esse Batatão que existia não era de nosso tempo. Meu pai quando ia pescar, dizia que tinha canto de ver, quando ia pescar camarão. Esse negócio parece que acabou-se. Disse que é uma tocha de fogo, e o povo quando via, corria, porque disse que ela vinha pra cima, pra queimar a pessoa. Assim as pessoas falavam. Meu pai disse que via, que esse fogo **queimava** a pessoa, mesmo” (Seu Pedro de Teodomiro, I).

“Eu já ouvi falar, mas com esse nome de Batatão, não. Eu sei do Fogo do Compadre Com a Comadre. Disse que se o compadre e a comadre namorarem, vão os dois para o inferno, e se viram em duas bolas de fogo: acho que é depois que morrem” (D. Maria da Paz, I, Patané).

“Já ouvi falar. Dizem que queimava e se via queimar, mas no outro dia não tinha nada” (Ildenar, A).

O que sobressai como explicação popular para o fato, nos dias de hoje, é o fundo de “**pecado**” (e portanto, católico e cristão) que ele comporta, de moralismo: o compadre e a comadre não podem, nunca, namorar, pois suas “almas” se tornarão duas bolas de fogo incandescentes que assustarão as pessoas, de noite, para o resto da vida. Cascudo afirma que nessa acepção, o Batatão é

um Mito de “punição divina”, “de efeito religioso” (1978: 184), e que a “explicação moral do fogo do compadre é possível repercussão cristã de castigo” (*id.*: 122). Também diz mais o autor: Lendas como esta, que envolvem “Almas-Penadas” são expressão da “idéia do pecado e da penitência” (*id.*: 183). O professor Cascudo cita Juan B. Ambrosetti (um dos mestres do Folclore da Argentina) no seu *Superticiones y Leyendas*, quando descreve: “Se os compadres, esquecendo o sacramento sagrado que os une, não fizeram caso dele, faltando a comadre a seus deveres conjugais com seu compadre, de noite se transformarão os dois culpados em MBOI TATÁ, ou seja, em grandes serpentes ou pássaros que têm em vez de cabeça uma chama de fogo” (*apud.* Cascudo, 1978: 121, tradução minha).

Continua Cascudo dizendo que esta “**versão moralizadora** que Ambrosetti encontrou é conhecida igualmente no nordeste do Brasil, onde ouvi cognominar o Batatão por *Fogo-de-compadre-com-a-comadre*, diferenciando-se pela posição. O facho correndo é o Compadre com a Comadre. Imóvel é o Batatão ou Batatá. Para esse mito convergem muitos outros com as características luminosas” como ocorre com algumas outras lendas existentes, bem diferentes destas, mas envolvendo o fogo, no Maranhão, no Piauí, em Santa Catarina, na Bolívia, e “em quase todo o continente” Sul-Americano (*id.*: 122).

2) O “Mito da Florzinha” (ou, “Florzinha do Mato”/antiga *Caipora*), Confundido com a Lenda do Assoviador:

Devo principiar demarcando as diferenças entre a Lenda da “Fulôzinha” (Caipora⁸) e a do “Assoviador” (*Lenda Local*). Essas duas Lendas não são iguais e nem são parecidas, mas que se confundem no imaginário coletivo arezense por terem, as duas, o *assovio* como um dos elementos principais.

Muitas pessoas sabem que existe a estória da *Fulôzinha*, que assovia e que pode aparecer de dia (o que é uma singularidade importante de ser destacada nessa Lenda, pois “essas coisas”, segundo diversos depoimentos, “só acontecem de noite”). Muitas outras pessoas também sabem (e inclusive dizem já ter ouvido) o *Assoviador* – um assovio que se ouve nas matas, ou perto da Maré (na Lagoa de Guaraíras), sempre à noite.

Dentre os entrevistados, o que se percebeu foi que para alguns, são duas coisas/Lendas diferentes: uma é somente noturna (Assoviador) e a outra pode também aparecer de dia (Caipora), mas, para outros, não existe a Lenda do Assoviador, as pessoas é que se confundem, pois na realidade quem assovia é a *Fulôzinha*.

Por causa dessa indefinição, decidi não separar a análise dessas duas Lendas como sendo duas coisas completamente diferentes, e descrevo agora as duas, ainda que separadamente, mas num único item deste trabalho, da maneira como me foram relatadas. Deixo ao encargo do leitor decidir, por si mesmo, se são duas Lendas diferentes ou uma só.

A Lenda da *Fulôzinha* (Caipora):

Câmara Cascudo inclui o Mito da Caipora (ou Florzinha do Mato), em seu livro *Geografia dos Mitos Brasileiros*, nos Mitos Primitivos e Gerais Indígenas, e afirma que a Caipora é um Mito Indígena encontrado “em todo o Brasil” (1976: 91). Em Arez ninguém conta que já viu, mas todo sabe contar como ela é e quais são suas características. Já o seu assovio, quase todo mundo que já ouviu um assovio diferente, fininho, ou longo demais, atribui logo tal “assombração sonora” à Caipora.

Como já foi citado, os mitos “mais característicos e populares entre a indiada” brasileira, de acordo com Cascudo, que demonstram sua profundidade “pela sobrevivência admirável”, eram: o

⁸ Sobre o Mito Indígena da Caipora, ou Florzinha, consultar no *Dicionário do Folclore Brasileiro*, de Cascudo (2001), os seguintes verbetes: Caipora (p. 98-99), Kilaino (p. 318), e Ossanhe (p. 455). Em Ademar Vidal (1950), consultar os textos: “Flor do Mato” (pp. 279 a 281) e “As Lendas Mais Populares” (pp. 573-574).

Curupira, Ipupiara, o Caapora, Saci-Pererê, Uirapuru, Baetátá (Batatá, Batatal, Bitatá, Boitatá, Batatão), Anhangá, Uauiará (Boto) e Jurupari (*id.*: 111-130).

No livro *Geografia dos Mitos Brasileiros* Câmara Cascudo relata a existência do(a) Caipora em todo o Brasil (1976: 91-99), porém, registra com mais detalhes histórias desse Mito nos lugares em que ele(a) é mais “comum”: Alagoas (pp. 335-336), Amazonas (p. 6), Paraíba (p. 327-332), Paraná (p. 18), Piauí (p. 23), Rio Grande do Norte (p. 26), Rio Grande do Sul (p. 28), e São Paulo (p. 30).

Este autor explica que o Caipora – que inicialmente era masculino – “É o Curupira, tendo pés normais” (*id.*: 90). E quem é o Curupira?

Curupira vem da Língua Tupi: de *Curu* – abreviatura de curumim, menino; e *Pira* – corpo = *Corpo de Menino* (Cascudo, 1976: 84-91). Ele é um pequeno índio, com os pés voltados para trás, cuja função é *proteger as floresta*, ele é o chefe “indiscutivelmente, [de] todos os assombros da floresta tropical”. Cascudo registra que o Curupira “foi o primeiro duende selvagem que a mão branca do europeu fixou em papel e comunicou aos países distantes” – carta do Padre José de Anchieta, de São Vicente/SP, datada de 31/5/1560 (*id.*: 84).

Já sobre o Caipora, Cascudo ensina que seu nome significa, na Língua Tupi, *Morador do Mato*: vem de *Caá* – mato, e *Pora* – morador. Ele é um “pequeno indígena”, que vive nu, ou usando uma tanga. É viciado em fumar cachimbo, por isso os caçadores têm sempre que lhe oferecer fumo, os que não lhe trazem a oferenda, ele engana, escondendo ou “encantado” as caças, além de “surra[r] impiedosamente os cachorros” (1976: 98).

Enquanto o Curupira protege as florestas, de modo geral, a função do(a) Caipora é proteger a caça, ela dirige a “caça miúda” (*id.*: 84). Outra versão, segundo um depoimento citado por Cascudo, é a de que a caipora é a “dona da caça, menos caça de pena” (*id.*: 99).

Discutindo então “o sexo dos duendes”, Cascudo observa que na Bahia o Caipora é **feminino**. Naquele Estado brasileiro ele/ela aparece como “uma cabocla quase negra” (*id.*: 98). Já na Paraíba, Ademar Vidal descreve a Caipora parecida com uma menina, acaboclada (mistura da raça indígena com a branca), pequenina, de cabelos estirados. É muito forte; protege os caçadores; gosta de presentes de fumo (costume sempre associado aos indígenas brasileiros). Se não é agradada, ataca os cachorros e tange a caça para longe. Ela também dá assobios “agudos e prolongados” (1950: 573-574). Nas palavras de Cascudo, a Caipora paraibana “se apresenta como se fôra uma menina de doze anos”, assobia, gosta de fumo, com vara de marmelo dá “surras mortais nos cachorros” dos caçadores que não lhe trazem fumo, “tem grande horror à pimenta malagueta” – por isso é que há caçadores que antes de saírem para as caçadas, passam “pimenta no focinho” de seus cachorros (1976: 328-332).

Portanto, como vimos, o Caipora (inicialmente masculino) é um “descendente” do Curupira (Cascudo, 1976: 87 e 328), que depois foi sendo feminilizado e transformado em a Caipora, e por fim, em Flor do Mato. Cascudo acrescenta que essa Caipora *feminina*, “é um trabalho Nordeste, de deturpação e de popularidade” (*id.*: 6), ainda que, mais adiante em seu discurso, ele afirme que no Norte e Nordeste “o Caapora é a Caipora [no feminino]” (*id.*: 94). Ou seja, principalmente no Nordeste do Brasil a atual Caipora transformou-se: do sexo antes masculino, ela tornou-se uma indiazinha, uma “caboclinha” (a “Florzinha”), de cabelos longos, com os quais dá surra nos cachorros, e até mesmo nos caçadores, se não tem satisfeitos os seus desejos.

Acredito que como é muito assustadora a Lenda da Caipora (que seria A Rainha da Mata, a protetora da caça, uma indiazinha que ataca as pessoas que querem prejudicar a floresta), a sociedade contemporânea foi transformando-a numa Lenda mais “leve”. Tanto é que não se fala mais em Caipora hoje em dia, e sim, na “Florzinha”, “Fulôzinha”, ou “Florzinha do Mato”.

Tratando dos Mitos presentes na Paraíba, a partir da obra de Ademar Vidal, Câmara Cascudo descreve e assegura que a “Flor do Mato é a Caipora com esse nome recendente. É louca pelo fumo. Deixam-no num oco de pau, como uma oferenda. Odeia a pimenta, como o Curupira. A caça obedece a esse nune acolhedor e simples. [Não há] *Nenhuma dificuldade para identificar a Flor do Mato com o Curupira, através do Caapora*, que os mestiços caçadores tornaram uma caboclinha entroncada e afetuosa para quem lhe mantenha o tabagismo. Onde a lembrança dos

cabelos de fogo do Curupira ainda reponta, incisiva, é ter a flor do mato a cabeleira loura. A persistência da própria estatura se conservou na imagem com que a evocam: ‘uma menina de doze anos...’” (Cascudo, 1976: 328).

Lembrando Euclides da Cunha: “segundo o hábito dos narradores do sertão”, as Lendas por eles narradas sempre são “entretécidas de exageros” (1979: 108), assim como, para Cascudo, o nordestino com “suas mãos rudes modifica tudo quanto lhe passa ao alcance da compreensão”. É desse modo que, repetindo as palavras de Cascudo: essa Caipora, descrita como uma “caboclinha ameninada”, “feminina”, é um trabalho de modificação do Mito feito pelo “nordestino, [um trabalho] de deturpação e de popularidade” (1976: 6).

É interessantíssimo citar, por fim, que a Caipora (antes um duende macho) aceita fazer atualmente pactos sexuais com os homens, em troca de ceder-lhes animais que sejam facilmente caçados. Quando escreveu o livro *Geografia dos Mitos Brasileiros*, em 1947, Cascudo registrou essa Lenda de trocas sexuais entre homens e assombrações como ocorrendo não só no Brasil, mas também no Paraguai e Argentina.

De acordo com o autor: “Nas matas do Pará, Amazonas e Acre a Caipora moderna aceita comércio amoroso com os homens. Exige fidelidade absoluta. Quando um dos amigos [amantes] da Caipora se quer casar, emigra da região”, tem que fugir de sua região, ir morar noutro lugar. Essa estória se repete com a *Mãe-da-Erva* no Paraguai e Argentina (*id.*: 94). O incrível, no entanto, é a sobrevivência da oralidade popular nordestina (aqui, particularmente, arezense) e a persistência no tempo de tais estórias, já que, como veremos adiante, um dos meus entrevistados (dentre os “informais”) disse-me atualmente, passados quase 60 anos que Cascudo escreveu o exposto acima: “Quem faz negócio com ela, namora com ela. Essa pessoa tendo sua mulher, em casa, ele pode esquecer; ele pode continuar sustentando a sua mulher, vivendo com ela, mas, namorar com ela, mais nunca ele namora, só com a Fulôzinha [é a exigência da fidelidade absoluta acima descrita]. Quem faz negócio com ela, só morre dentro do mato” (Seu Antônio Félix, Idoso de Nascimento).

Passemos agora para a descrição dos relatos colhidos pela pesquisa após a pergunta de partida: você já ouviu falar nesta Lenda?

“Já ouvi falar no Assoviador. Eu sei que o Assoviador é uma coisa e a Florzinha é outra” (Luciana, A).

“São duas coisas diferentes. O Assoviador é aquele assovio que passa aquele pela rua, meio grosso. Às vezes alto, às vezes comprido. É uma alma, um troço. O assovio da Caipora é um assovio fininho” (Seu Jovino, I).

“O assovio da Caipora eu já ouvi umas pouca de vez. Dez, onze horas da noite. Não é a Fulôzinha, não. É a Caipora. É um assovio fino, bem fininho” (Odilon Sales, A, *in memoriam*⁹).

“Ela assovia” (Rosalvo, A).

“Ela pede fumo. Quando a pessoa não dá, ela dá uma surra de cipó” (Luciana, A).

“Desde eu menino que o povo fala. Conheci um cara que tinha feito idéia com ela, pra caça. O nome dela é Cabôquinha do Mato. Ela faz cachorrada com o caçador, é um negócio mesmo sério. Tô *cansado de ouvir*, quando tô deitado aqui, na rede (no alpendre), ela dá um assovio. Não é de dia, é de noite. Não é Assoviador, não, é a Fulôzinha. Nunca ouvi falar nesse Assoviador, não. Quando eu morava na Vertente Grande, um dia, eu vi Seu João Pimenta, caçador, saindo para mata, para caçar, aí, ele começou a passar alho nos cachorros, e um amigo nosso perguntou: – Por quê? Ele então respondeu que era por causa da Fulôzinha, porque ela não gosta de alho; diz Compadre José que Seu João Pimenta tinha um patuá com ela. Eu mesmo fui caçar uma noite com Seu João, e escutamos um barulho na mata; os cachorros correram atrás e voltaram; por duas vezes, foi a mesma coisa, até que tivemos que voltar para casa, sem caçar nada, porque Seu João disse que naquela noite a gente não ia conseguir caçar nada, pois ela não ia deixar. O cabra que deixa fumo

⁹ *1979-†2004.

pra ela, é porque já fez negócio com ela. Ela dá surra de cipó-de-fogo” (Seu Horácio, I, *in memorian*).

“*Já ouvi muito esse assovio. É a Fulôzinha. Ela assovia na boca da noite, ela assovia de mais. Disse que ela pega o cachorro, nos pés da pessoa, dá uma surra danada, e a pessoa não vê nada. Diz que se ela assovia longe, é porque está perto, e se ela assovia perto, é porque está longe. Disse que ela faz negócio com a pessoa (os caçadores), e ela vem deixar a caça na porta da pessoa; ela ajuda a aparecer caça para o caçador, na mata. Ela não gosta de alho. Quando ela não quer, ela tendo raiva do caçador, não aparece caça pra ele de jeito nenhum, ele pode atirar, mas não pega na caça. Tem o dia certo de encontrar com ela. Se ela chegar lá e o caçador não estiver, ela mata ele de uma surra, disse que ela dá tanto que a pessoa morre seca. Já ouvi falar que ela se chama Caipora*” (Arlete Sales, A).

“*Eu já escutei muitas vezes. De dia. Ela pede fumo. Seu Davino, um caçador, dizia que botava fumo pra ela*” (Seu Francisco, A).

“*Ela aparece mais na mata. Mas ela não pede fumo, é mentira*” (Seu Pedro de Teodomiro, I).

“*O assovio eu já ouvi. Não sei o que é. O povo diz que é essa Florzinha. Dizem que o cachimbo dela é bem grande. Se a pessoa encontrar ela na mata, tem que dar fumo pra ela, pra ela não dar uma surra na pessoa. Ela dá surra com o cabelo*” (D. Maria de Lourdes, I).

“*Já ouvi demais. Sempre de dia. O assovio dela é diferente do assovio de gente*” (D. Maria da Paz, I, Patané).

“*Já ouvi muito esse assovio. É a Fulôzinha. É uma moça encantada. Mas ela anda de dia. Disse que se o assovio é longe, é porque ela está perto, e se o assovio é perto, é porque ela está longe*” (Eider Sales, A).

“*Se escuta o assovio dela*” (Seu Zé Agostinho, I).

“*A roupa dela é o cabelo. Diz que é uma mulher. Quem faz negócio com ela, namora com ela. Essa pessoa tendo sua mulher, em casa, ele pode esquecer; ele pode continuar sustentando a sua mulher, vivendo com ela, mas, namorar com ela, mais nunca ele namora, só com a Fulôzinha. Quem faz negócio com ela, só morre dentro do mato. Ela dá a surra com o cabelo. Quando ela assovia longe, está perto, e quando assovia perto, é porque tá longe*” (Seu Antônio Félix, I).

“*É negócio de caçador. Ela dá surra em cachorro. Tem que cachorro que leva fim, e não volta mais nunca. Quando o cachorro não sai do pé do caçador, é porque tem alguma coisa ali. O caçador tem negócio com ela, pra ela deixar ele caçar. Todo animal do mato é ferrado com a marca da Fulôzinha. Você pega um coelho do mato e pode olhar na orelha dele, é uma marquinha de como se faltasse um pedacinho. Nunca ouvi falar nesse Assoviador*” (Seu Zé Agostinho, I).

Versão relatada por uma criança para a professora (talvez completamente descaracterizada, pois como é muito assustadora a Lenda da Caipora, a sociedade foi transformando-a numa Lenda mais “leve”. Tanto é que não se fala em Caipora hoje em dia, nem os mais velhos a citam, e sim, ela mesma, mas com outro nome: Fulôzinha):

“*É uma flor encantada, da mata. Uma menina foi morta pela madrasta, na mata, e dizem que virou essa Florzinha. A flor canta, pede reza, pede socorro. É um lamento triste o cantar dela. Quem escuta fica muito comovido, e fica parado, sem sair do lugar, até que ela termine de cantar, sem conseguir sair do canto*” (Célia Freire, A).

“*Ela é a Rainha das Matas. Se o cabra não der fumo pra ela, ela dá uma surra de cipó na pessoa até cair os cabelos*” (Seu Pedro de Branca, I).

“*Se a pessoa desse fumo pra ela, ela deixava a pessoa em paz. Ela dava surra com o cabelo, em gente e em animal*” (D. Nadir, I).

“*Eu escutei o assovio dela muitas vezes, sempre de noite, agora deixou. Mas quando não tinha luz elétrica, eu ouvi muito. A gente se arrepiava logo. É bem pertinho, como se fosse no ombro da gente, e você não vê. Dizem que quando ela quer um cigarrinho, fica só assoviando, mas ninguém vê. As pessoas de antigamente quando ouviam o assovio dela, botavam fumo nas telhas da casa, pra ela*” (Maria do Céu, I).

“O povo antigamente sentia o cheiro do fumo dela. Muita gente deixava fumo pra ela em alguns locais da mata” (Marluce, I).

“Ela é a Dona do Mato” (Seu Jovino, I).

“O caçador faz negócio com ela, pra ela mostrar a caça pra ele. Dá fumo pra ela. Se não der, ela dá uma surra que a pessoa morre seca. Ela assovia. Tinha gente que só andava com um dente de alho dentro do bolso da calça, pois ela não gosta de alho” (Vicência, I).

A Lenda do Assoviador (Lenda Local):

Em seu livro *Maranduva*, o memorialista arezense Pedro Lins Neto, relembando o tempo de sua infância cita o “invisível” Assoviador, que dá um “agudo assovio de arrepiar”. Também enfatiza que o Assoviador, assim como o “fantasma” noturno da Mulher-da-Saia-Dura, analisado mais adiante, “com a chegada da luz elétrica em Arez, no mês de março de 1949, desertaram”, sumiram (2006: 169). Ou seja, de acordo com este autor, quando o Prefeito Aduino Rocha, em 1949, durante o 1º entregou a Arez “toda uma estrutura de geração de energia elétrica”, com suas “formidáveis lâmpadas elétricas”, fugiram da cidade “todos os fantasmas que povoavam” as noites de Arez (*id.*: 500; e 1997: 192). Entretanto, como se verá a seguir, tanto no caso da Lenda do Assoviador, quanto no caso da Lenda da Mulher da Saia Dura, nenhum dos dois desapareceu, até hoje, do imaginário popular arezense. A pesquisa demonstrou que ambos continuam vivos no dia-a-dia da população.

A seguir, passo para a descrição dos depoimentos colhidos pela pesquisa após a pergunta de partida: você já ouviu falar nesta Lenda?

“Já ouvi falar no Assoviador. Eu sei que o Assoviador é uma coisa e a Florzinha é outra (Luciana, A)”.

“Já ouvi o assovio. Ouvi na maré. É um assovio que ninguém vivo pode dar. Aquilo faz medo demais na gente” (Seu Pedro de Teodomiro, I).

“Tem esse Assovio. Eu sei que quando assovia perto é porque está longe, e quando assovia longe, é porque está perto” (Seu Francisco, A).

“Eu também sei disso, que se o assovio é perto, é porque está longe e se o assovio é longe, é porque está perto. Já ouvi. De noite, fora de hora. A gente conhece que não é assovio de gente. Assovia em qualquer canto. Eu morava num canto esquisito, lá embaixo, perto da maré (na Lagoa de Guaraíras); eu dormia tarde, e todo dia, a meia noite em ponto, eu ouvia. Aí eu disse que não ia mais dormir tarde” (D. Maria da Paz, I, Patané).

“É um assovio que soava na cidade inteira, de noite, às vezes até em casa se ouvia. As pessoas corriam assombradas. Às vezes assoviava no ouvido da pessoa e às vezes, bem longe” (Marluce, I).

“Já ouvi. Eram aqueles assovios bem grandes. Hoje, acabou-se” (D. Maria da Paz, I, Arez).

“Já ouvi. À meia noite” (D. Maria Alvina, I, *in memorian*).

“É diferente da Caipora. Passa aquele assovio pela rua, meio grosso. Às vezes alto, às vezes comprido. É uma alma, um troço. O assovio da Caipora é um assovio fininho” (Seu Jovino, I).

3) O “Mito do Zumbi-de-Cavalo”:

O Zumbi de Cavalo é um fantasma que aparece assustando as pessoas e até mesmo, matando-as. Dizem que é a “alma” de um cavalo que depois de morto foi enterrado, e que vira algo parecido com uma “alma penada” porque *não se pode enterrar “bicho bruto”*, como reza a superstição popular nordestina. Quando alguém enterra um cavalo morto, desobedecendo a anti-

higiênica superstição, a “alma” daquele cavalo fica vagando pelo mundo. Esse Mito, visto em Arez por pessoas idôneas, não existe só por aqui, mas por todo o Brasil.

Segundo Câmara Cascudo, em seu livro *Geografia dos Mitos Brasileiros*, o Mito do Zumbi-de-Cavalo faz parte dos Mitos Secundários e Locais, do Ciclo da Angústia Infantil (1976: 308-310).

Já em seu livro *Made in África*, Cascudo afirma que o Mito do Zumbi veio para o Brasil “trazido pelos escravos de Angola” e “permanece vivo e sensível no folclore brasileiro” (1965: 113)¹⁰. No livro *Nomes da Terra: Geografia, História e Toponímia do Rio Grande do Norte*, Cascudo reafirma que foram os escravos que trouxeram o Zumbi para o Brasil (1968: 133).

A palavra Zumbi vem do *quimbundo* africano, língua na qual *Nzambi* “é nome supremo da divindade”, é “deus, rei, chefe”; e *Nzumbi*, é visagem, “espectro, fantasma, espírito da gente morta” (1980: 144; 1968: 133; 1965: 114; 1976: 308; e 2001: 767-768).

Segundo conta a Lenda, como o cavalo não é humano, é irracional, não tem “alma” e, por isso, depois de morto não deve ser enterrado. Porém, se alguém por ventura enterre um cavalo morto (nas matas), naquele lugar aparecerá o Zumbi-de-Cavalo, a “alma” do cavalo morto – que aparece para assustar as pessoas. Portanto, na explicação popular: “sepultando-se um bruto [um animal], provoca-se o aparecimento do Zumbi” (Cascudo, 1965: 113). Em outro texto, Cascudo lembra que, por causa dessa Lenda, em certos lugares do Rio Grande do Norte as pessoas costumam não enterrar os cavalos que morrem (1976: 337).

Já no seu *Folclore do Brasil: Pesquisas e Notas*, de 1967, Cascudo declara que o Zumbi “está praticamente desaparecido nas suas antigas áreas de permanência. Não amedronta como outrora”. Mais adiante, o autor explica que “O Zumbi, nacionalizado no Brasil, tivera mais formas que um profissional de transformismo. Presentemente a mais espantosa presença é o Zumbi de Cavalo, o fantasma do cavalo defunto, aparecendo, galopando visível, reconhecido, nas várzeas do Açú, no Rio Grande do Norte e em Alagoas. O espectro animal é provocado sempre que se enterra a carniça de um [animal] irracional. Sepultura é para corpo [de gente, humano e] batizado. Dando-se um túmulo ao cavalo é inevitável o aparecimento do Zumbi do Cavalo, assustando os viajantes” (1980: 144).

Como reza a Lenda, o Zumbi ainda tem o poder, atribuído pela sociedade – que perpetua a Lenda como “real” –, de matar as pessoas por asfixia, crescendo por cima delas e abarcando-as por completo. No livro *Geografia dos Mitos Brasileiros* Cascudo observa, a partir da versão registrada por Vale Cabral, no Rio de Janeiro, que muitas vezes o Zumbi “se revela em pequena estatura humana e cresce à proporção que alguém dele se aproxima para curvar-se e em forma de arco sobre a pessoa. Outras vezes oculta-se, e impede a um cavaleiro prosseguir, tomando-lhe as rédeas do animal. Os animais de montaria o conhecem e evitam passar pelos lugares onde ele estiver, o que é denunciado por um *ronco* surdo do próprio Zumbi” (Cascudo, 1976: 309).

Ainda segundo Cascudo, Théó Brandão detectou também, em Alagoas, a aparição do Zumbi de Cavalo como um espectro que vai crescendo, crescendo até matar a pessoa (Cascudo, 1976: 337; e 2001: 768). No *Dicionário do Folclore Brasileiro*, Cascudo acrescenta que no lugar “em que tenha morrido um cavalo não passa ninguém à meia-noite; se passar, aparece o Zumbi-dos-Cavalos, que vai crescendo, crescendo, até matar o indivíduo” (2001: 767-8). Este autor explica que “Os fantasmas que crescem e diminuem são universais” (2001: 66).

Como se viu até aqui, Cascudo relata, no Brasil, o aparecimento do Zumbi no Rio Grande do Norte, Alagoas e Rio de Janeiro. Além desses Estados do Brasil, ele acrescenta que o Zumbi aparece também, ainda que “com raras estórias”, na Bahia (1976: 9) e no Espírito Santo (*id.*: 11). Já na Paraíba, quem registra a existência do Mito do Zumbi-de-Cavalo é o folclorista Ademar Vidal (1950: 279 a 281). Em Pernambuco, Gilberto Freyre deixou escrito em seu livro de 1951, *Assombrações do Recife Velho*, que não se tinha notícia do Zumbi-de-Cavalo no Recife (1974: 19).

No caso da Paraíba, segundo Ademar Vidal, nas zonas rurais a “alma” do cavalo é chamada de Zumbi. O aparecimento do Zumbi causa “terror aos tropeiros e vaqueiros” que trabalham à noite.

¹⁰ Sobre o Mito do Zumbi-de-Cavalo, consultar no *Dicionário do Folclore Brasileiro* (Cascudo, 2001) os seguintes verbetes: Zumbi (pp. 767-768); e Zumbi-dos-Cavalos (p. 768); no seu *Made in África*, ver “Notícia do Zumbi” (1965: 113-119). Em Ademar Vidal, ver o texto “Zumbi de Cavalo” (1950: 279 a 281).

O barulho “que a alma do cavalo faz é característica. Assombra as pessoas que a assistem ou ouvem. (...) O jeito é procurar fugir a tão inesperado espetáculo”. Portanto, o Zumbi de Cavalo é uma “estranha alma do outro mundo”. Vidal afirma que há notícias do aparecimento do Zumbi-de-Cavalo “em tôdas as zonas do Nordeste”, além do que mais: “ele é *comum ao Brasil inteiro*”. Sendo normalmente uma aparição noturna, o Zumbi de Cavalo, de acordo com as pesquisas de Vidal, também pode surgir “na estrada em pleno dia”. A finalidade da aparição, segundo a explicação do eminente folclorista paraibano, é “atropelar os passos” tanto do cavaleiro que trafega pelas estradas quanto de cavalo. O cavalo que leva seu dono nas costas, ao deparar com um Zumbi na estrada, ao ver a assombração de seu semelhante, fica parado, “como que embriagado”, porque o Zumbi “*não se conforma* em ser a representação da morte e, por esta razão, procura atrapalhar a vida dos seus semelhantes, na *esperança* de voltar algum dia a ser o que dantes era” (1950: 279 a 281). De acordo com este relato de Ademar Vidal, apreende-se que a “alma” dos animais possui os sentimentos de *esperança* e de *incoformismo*! Essa invenção popular não é super-interessante?

Vejamos agora os relatos colhidos pela pesquisa após a pergunta de partida: você já ouviu falar nesta Lenda?

“Se o cara passasse por uma cerca de arame ele [o Zumbi] parava. Toda vez que eu passo por uma cerca de arame, eu me benzo”. “É o Zumbi de Cavalo. É um bicho encantado. Ele vinha, cobria a pessoa e ela morria sem fôlego”. “Teve muita gente que levou muita carreira dele, isso há uns quarenta anos atrás”. “Dizem que contando para uma mulher a coisa pára de acontecer com a pessoa” (Seu Francisco, A).

“Chama Zumbi de Cavalo. Ele cobria e matava a pessoa sem fôlego”. “Eu também, toda vez que passo por uma cerca de arame, eu me benzo”. “Disse que contando para uma mulher a coisa não acontece mais com aquela pessoa” (Seu Pedro de Teodomiro, I).

“Já ouvi falar. Isso é do tempo do povo mais velho” (Seu Zé Agostinho, I).

“Já ouvi falar. O povo diz que é de bicho que morre. Acontece se a pessoa passar num canto em que morreu um bicho. É um negócio que cresce, cresce, e cai por cima da pessoa” (D. Maria de Lourdes, I).

“O Zumbi existe! As pessoas mais velhas ensinavam como é que ele se levantava [faz o gesto]. Ele se levanta e vai crescendo. **Eu mesma já vi**. Foi de frente a uma casa de farinha, velha; eu era nova, tinha 14 anos. Não tive mais medo porque nunca tinha ouvido falar, não sabia o que era. Aquilo veio se levantando, era como uma nuvem, não era um bicho, não; era aquele negócio parado. A uma certa altura (eu estava longe dele), ele se *emergiu*, desceu uma ponta fina, se dobrou uma ponta vindo de cima, como um gancho se fechando, aí eu corri. Conte então para uma mulher, uma velha (disse que contando para uma mulher o negócio não acontece mais com a pessoa), e ela me disse que foi um Zumbi, que se eu não tivesse corrido ele ia me *assubmeter*, que foi Jesus que me salvou. Dizem que ele cobria a pessoa e matava ela sem fôlego. **Eu acredito porque eu vi**”. “Se a pessoa passar por uma cerca de arame, a assombração pára” (D. Maria da Paz, I, Patané).

“Tenho visto o povo falar muito. O povo diz que quando morre um cavalo e é enterrado no mato, e que vem o urubu e come aquilo (e se acaba o bicho), ali, tá sujeito a aparecer o Zumbi de Cavalo. Já vi um cavalo passar de noite, numa carreira danada; fui espiar (era noite de lua), tava lá o bicho numa moita, era um cardão (um animal esbranquicento), e ele mexia assim com a mão [faz o gesto], para pegar as folhas numa árvore, eu acho. Aí eu fui embora. De manhã fomos caçar o rastro e não tinha nada. Meu pai explicou que era um Zumbi. O camarada que vai num caminho e vê um Zumbi, ele pode correr! Os mais velhos contavam, os mais antigos, que ele emenda um osso no outro, e sobe, e cai por cima da pessoa. Mas Zumbi de anima há! Ninguém vai dizer que não há. Desde menino que ouço falar de Zumbi de Animal, que muita gente já viu. Ele cai por riba dela [da pessoa]” (Seu Horácio, I, *in memoriam*).

“O povo diz que cavalo não tem alma, tem Zumbi” (Marluce, I).

“Já ouvi falar. Dizem que ele sobe, sobe... E se ele envergar por cima da pessoa, a pessoa morre” (Vicência, I).

“Já escutei falar. Se a pessoa começar a olhar para ele, ele cresce até assombrar a pessoa e cai por cima da pessoa” (Seu Pedro de Branca, I).

Acredito firmemente no poder de explicação para a existência dessa Lenda, assim como de muitas outras, tal como a avalia o grande escritor nordestino José Lins do Rego (1901-1957).

No seu famoso livro de memórias *Menino de Engenho*, de 1957, este autor narra algumas lendas propagadas em sua época de criança, na primeira década dos anos 1900, quando morava no engenho de seu avô, na Paraíba. José Lins conta que na volta dos passeios que fazia com sua tia Maria, à tardinha, a caminho de casa, ela sempre relatava para as crianças estórias de “mal-assombrados”, e os meninos que a acompanhavam permaneciam “quietos e calados, com medo das almas do outro mundo” (2004: 52).

Além das almas de outro mundo, ele conta que “Os zumbis também existiam no engenho. Os bois que morriam não se enterravam. (...) O zumbi, que era a alma dos animais [que morriam], ficava por ali rondando. Não tinha o poder maligno dos lobisomens. (...) não dava surras como as caiporas. Encarnava-se em porcos e bois, que corriam pela frente da gente. E quando se procurava pegá-los, desapareciam por encanto”. Os sádicos adultos, continua Zé Lins, “me contavam estas histórias dando detalhe por detalhe, que ninguém podia suspeitar da mentira. E a verdade é que para mim tudo isso criava uma vida real. O lobisomem existia, era de carne e osso (...). Eu acreditava nele com mais convicção do que acreditava em Deus. Ele ficava tão perto da gente, ali na Mata”, já Deus, continua o autor, “Era distante dos nossos medos”. Tal como o Zumbi, os adultos, narradores daquelas estórias aterrorizantes, “Pintavam o Lobisomem [as assombrações] com uma realidade tão da terra que era mesmo que eu ter visto. De Deus, tinha-se uma idéia vaga de sua pessoa”. À noite, “Punham-nos a dormir nos embalando” com tais estórias: “Um mundo inteiro de duendes em carne e osso vivia para mim” (*id.*: 77-78).

Sobre o medo que aquelas estórias lhe faziam, e sobre como ele, desde criança, as absorveu interiormente, Lins do Rego conclui: “E as histórias corriam como os fatos mais reais deste mundo”, ou seja, ele “acreditava em tudo isto, e muitas vezes fui dormir com o susto destes bichos infernais. Na minha sensibilidade ia crescendo este terror pelo desconhecido, pelas matas escuras”. Esses medos todos, segundo o autor, ficaram gravados em sua memória “até [ele ficar] grande, rapaz de colégio” e, mais ainda, “**Muita coisa deles** [daqueles seres assombrosos], porém, **ficou** por dentro da **minha formação de homem**” (*id.*: 76-78).

4) O “Mito do Homem do Saco” (ou, “Papa-Figo”):

Neste Mito (presente não só em Arez, mas em todo o mundo) a pessoa do *Papa-Figo* não é um fantasma, e sim, um homem que carrega um saco nas costas e seqüestra crianças (a finalidade seria roubar-lhes o fígado para servir de remédio para doentes, geralmente, pessoas “ricas”). Em Arez e noutros lugares do Brasil o Papa-Figo é também chamado de “Homem do Saco”, ou, como em Alagoas, o “Homem do Surrão” (Cascudo, 1976: 334).

Segundo Câmara Cascudo, no seu livro *Geografia dos Mitos Brasileiros*, o Papa-Figo faz parte dos Mitos Primitivos e Gerais, especificamente do ciclo dos Monstros (1976: 206-209). Mais adiante no livro, ele afirma que o Homem do Saco, ou o Velho do Surrão, “são todos do ciclo da *angústia infantil*” (*id.*: 334), ou, do *pavor infantil* (2001: 477).

Inicialmente, há que se esclarecer que este é um Mito Universal, ou seja, independente dessa “versão” lendária de que o homem busca fígados de criança ou não, o Mito do *Homem do Saco* que rouba meninos ocorre em todo o mundo. Por exemplo, na Holanda, de acordo com Osmar Freitas Júnior (em seu texto “As Metamorfoses do Bom Velhinho”), a figura “cândida” do Papai Noel – *Sinterklaas* –, “tanto pode dar presentes quanto punir [os meninos] malcriados”. Como parte desta punição, além de surrar a criança, “A vítima, depois, é colocada num *saco* e levada”, segundo a lenda holandesa, para a Espanha. Também na Alemanha, segundo o autor, o mesmo Papai Noel tanto surra as crianças mal-comportadas quanto “Há ameaças veladas de empacotamento da

molecada em sacos, como na Holanda” (2003: 73). Em seu livro *Geografia dos Mitos Brasileiros* Câmara Cascudo afirma apenas que “O Velho do Saco é português” (1976: 334). Ou seja, se em Portugal o Mito do Velho do Saco já é uma herança de lendas vindas de outros países europeus, Cascudo não aprofunda esta sua análise (ele não se refere às origens desse Mito, o que é uma característica sua e de seu método), reportando-se somente aos casos brasileiros, como veremos adiante.

O paraibano Ademar Vidal registra que na Paraíba o Papa-Figo caça “meninos mal-comportados, desobedientes, teimosos e chorões”, fazendo “medo e horror” às crianças (1950: 126-128)¹¹.

Já de acordo com José Lins do Rego, em suas memórias (já citadas), na Paraíba também existe o Mito do Homem do Saco. Lembrando de histórias da primeira década dos anos 1900, ele conta que sua tia Maria sempre relatava para as crianças estórias de “mal-assombrados”, fazendo com que os meninos ficassem “quietos e calados, com medo das almas do outro mundo” (2004: 52). Zé Lins lembra então da figura de Zé Cutia, homem de sua época a quem a imaginação popular acusava de virar Lobisomem, e acrescenta o autor: “Diziam também que ele comia fígado de menino. – *Lá vem o papa-figo!* – era assim que botavam a gente para correr de qualquer parte”. Afirma então o célebre escritor que essas “histórias corriam como os fatos mais *reais* deste mundo”, e que ele “acreditava em tudo isto”, na sua sensibilidade de criança “ia crescendo este terror pelo desconhecido, pelas matas escuras, pelos *homens amarelos que comiam fígado de menino*”. E conclui recordando que aqueles medos permaneceram gravados em sua memória “até [ficar] grande, rapaz de colégio”, além do que mais: “Muita coisa deles [desses seres assombrosos], porém, ficou por dentro da minha formação de homem” (2004: 76-78).

Já no Rio Grande do Norte, Cascudo narra que na década de 1930 aconteceram fatos reais, registrados historicamente, que promoveram a permanência na memória popular da Lenda do Papa-Figo. O autor escreve, em seu *Geografia dos Mitos Brasileiros*, que “A existência do fato não pode ser negada. Em abril de 1938 foram presos em Natal dois negros que iam levando crianças. Eram pretos de meia idade, doentes, palúdicos, visivelmente dementados. A polícia expulsou-os. Outros fatos se repetiram em Ceará e Pernambuco. No interior dos Estados corre a mesma estória, irradiando pavores idênticos” (1976: 206).

Particularmente em Arez/RN, o escritor Pedro Lins Neto relembra que na época de sua infância na cidade, por volta das décadas de 1940/50, o Papa-figo “alimentou o terror infantil durante uma época” (2006: 170), ele era “o terror da meninada” (*id.*: 86). Segundo o autor, a estória contada naquele tempo era a de que o Papa-Figo era um homem que andava com um “saco de estopa” vazio, nas costas, em busca de crianças vadiando. E conclui: “De todos os mitos de Arez, o que mais me atemorizou foi, sem dúvida, o do Papa-Figo” (*id.*: 170).

Gilberto Freyre relatou, em seu texto de 1951, “O Papa-Figo”, uma *versão* deste Mito então existente no Recife/PE. Segundo o autor os recifenses contavam que um homem de família rica, na metade do século XIX, tinha uma doença mortífera, e o povo inventou uma estória sobre ele: diziam que ele virava Lobisomem (o que alarmava bastante a população) e que procurou curar-se desse mau consultando um “negro velho; o negro receitou-lhe fígado de criança, como remédio para sua doença. A Lenda teria surgido então a partir daí [?], pois dizia o povo que “o próprio negro velho se encarregou de sair pelos arredores do Recife com um saco ou surrão às costas. Ia recolhendo menino no saco e dizendo que era osso para refinar açúcar. Mas era menino”. Só assim, narra Freyre, evitou-se que aquele homem rico “continuasse a alarmar a população sob a forma de lobisomem”. Por fim, ele “Curou-se mas de modo sinistro” (1974: 61).

Essa *invenção* popular, que geralmente atribui tais crueldades a pessoas ricas e poderosas, ocorre também no Rio Grande do Norte; infelizmente, neste caso, manchando a imagem de uma mulher – antiga moradora de Natal –, que além de rica, segundo os registros históricos, foi muito caridosa e em muito contribuiu para a história do desenvolvimento da capital potiguar. Por todo o Estado, ao que parece, espalhou-se na oralidade popular, sinistramente, a estória de que a Viúva

¹¹ Consultar os textos de Ademar Vidal (1950): “Papa-Figo” (pp. 125-126) e “Paladar Requitado” (pp. 127-128).

Amélia Machado seria a contratante de um bandido (um “Papa-Fígado”) que lhe serviria de fígado de menino para servir de remédio para a Lepra, uma doença que, na verdade, ela nem possuía. Mais adiante, após a descrição dos depoimentos sobre o Mito do Papa-Figo, esclareço um pouco esta questão da Lenda *Inventada* contra a Viúva Amélia Machado.

Passemos então para a descrição dos relatos colhidos pela pesquisa após a pergunta de partida: você já ouviu falar nesta Lenda?

“Os mais velhos contam que existiu na cidade um menino muito levado, que vivia a fazer travessuras; tanto que um dia apareceu o “Homem do Saco”, que era um homem que andava na cidade com um saco enorme, pegando e prendendo menino levado dentro do seu enorme saco, para tirar seu fígado e vender nas grandes cidades” (Célia Freire, A.).

“Dizem que a *Viúva Machado* contratava um homem para matar as crianças e arrancar o fígado delas, para ela comer; tinha que ser vivo, recente, pois ela vivia de comer isso. Isso era pra fazer medo às crianças” (Daniel, J).

“A mulher tinha uma doença que crescia as orelhas. No tempo em que cresciam as orelhas, ela tinha que comer fígado” (Rosalvo, A).

“Os fígados serviam para fazer remédio, porque ela tinha as orelhas grandes, as orelhas dela cresciam” (Seu Francisco, A).

“Existia uma qualidade de gente que era doente e que comprava fígado para comer” (Seu Pedro de Teodomiro, I).

“Disse que ele [o Papa-Figo] vinha num carro” (Luciana, A).

“Quando criança, em Natal (em torno de 1975), eu já ouvia a estória de que o Papa-Figo era um carro preto que levava as crianças embora. Na época haviam muitos ‘fuscas’ (Volks-Wagen) pretos, e os meninos na minha rua não podiam ver um ‘fusca’ preto, que corriam para dentro de casa, sem voltar mais para a rua naquela noite, apavorados, com medo” (André Sales, Nascimento).

“Desde eu pequeno que as pessoas diziam: Papa-Figo pega menino!” (Seu Zé Agostinho, I).

“Quando eu era pequeno eu ouvia falar, eu tinha muito medo do Papa-Figo” (Odilon Sales, A, *in memorian*).

“Disse que ainda tem [hoje em dia] esse Papa-Figo hoje. É mesmo, eu já ouvi dizer. Disse que ela morreu mas a filha dela [da Viúva Machado] ficou no lugar dela” (Arlete Sales, Nascimento).

“Diziam que a Viúva Machado mandava um homem pegar os meninos. Ele oferecia confeitos. A criança desaparecia. Dizem que ela tinha uma doença que crescia as orelhas, e ela só melhorava quando comia fígado de criança” (Marluce, I).

“Já ouvi falar. Eu tinha tanto medo, quando era pequena!” (D. Maria da Paz, I, Arez).

“Quando eu era menina, eu tinha muito medo. Diziam que era a Viúva Machado, que ela comia fígado de criança. Quando minha mãe saía de casa, ela dizia: – Não saiam de casa porque a Viúva Machado anda por aí! Então a gente ficava com muito medo e não saía de jeito nenhum” (D. Nadir, I).

A arquiteta Jeanne Nesi, também historiadora da cidade de Natal, em seu célebre livro *Natal Monumental* (“O Palacete da Viúva Machado”) escreve um pouco sobre a verdadeira história de D. Amélia Machado, com a finalidade de apresentar um resumo da história de seu famoso Palacete, um dos prédios históricos do centro de Natal (localizado na Praça Dom Vital, nº 504). O Palacete foi construído em 1910, por Jorge Barreto de Albuquerque Maranhão, e em 1920, quando Maranhão partiu para o Rio de Janeiro, foi comprado pelo comerciante português Manuel Duarte Machado, marido de Amélia.

D. Amélia Machado nasceu em 8 de dezembro de 1881, em Mossoró/RN, tendo morado também no Ceará e em Areia Branca/RN; faleceu em 18 de outubro de 1981, perto de completar 100 anos de idade. Em 1903 ela casou-se com Manuel Machado, tendo enviuvado em 1934:

“assumindo então a administração dos bens herdados”. Além dos armazéns, o casal possuía fazendas, pedreiras, salinas, etc. (Nesi, 1994: 69)¹².

Luís Gonzaga Meira Bezerra afirma, em seu texto “A Viúva Machado”, que D. Amélia Machado “foi uma personagem da história social e econômica de nossa cidade, que todos aprenderam a respeitar e admirar pelo temperamento energético. Independente, retraindíssima, de elevado sentimento religioso e filantrópico”. Ao nascer, em Mossoró (1881), ela era uma “jovem pobre, filha de pequenos agricultores e que conviveu seus primeiros tempos com um tio, com quem terminou morando. Acompanhou o tio que era comerciante no Ceará, estudando ali o curso primário, indo morar depois em Areia Branca, onde os pais instalaram uma Pensão. Incentivados por um comandante de navio mercante em Areia Branca, os pais vieram para Natal e instalaram um modesto hotel na Rua das Virgens, onde aquele comandante passou a residir, tendo apresentado aos pais de Amelinha um português – Manuel Duarte Machado, comerciante abastado na cidade que possuía um armazém de estivas na Rua Chile *A Despesa Natalense*, onde a menina-moça o conheceu e casaram em 1903” (Bezerra, 1999: 3).

A *Despesa Natalense* tornou-se, com o passar dos anos, “o principal centro de abastecimento da cidade”, e D. Amélia acompanhava o marido na administração do comércio. Em 1920 o casal comprou o Palacete da Cidade Alta, já citado: “construindo com material vindo da Europa – lustres de cristais, grades, ferragens, estatuetas de bronze nos jardins e conforto absoluto”. D. Amélia “teve a vida igual às damas da melhor sociedade da época em Natal. Acompanhava o marido aos espetáculos de teatros/cinemas/festas sociais e religiosas, recebia os amigos da família e hóspedes, atendia aos menos assistidos da sorte, às entidades religiosas, protegeu as famílias pobres do seu solar, de suas terras de Pitimbú e Ferreiro Torto, dando guarida ainda a sua família mais humilde” (*id.*: 4-5).

Manuel Machado, com o tempo, foi investindo seus lucros em terrenos que comprava “ao longo das margens do Rio Potengi” ou “nas imediações das estradas que demandavam Natal/Parnamirim”. Adquiriu também “pedreiras, imóveis, regiões próprias para salinas e viveiros de peixes”. O casal inclusive doou “à *Lacotecoe*, depois *Air France*, terreno para construir o primeiro campo de pouso para seus aviões, logo depois da fase dos hidroaviões que aquatizavam no Potengi, recebendo em sua casa os engenheiros franceses”. A Viúva contava que seu marido “mesmo quando nas fases mais difíceis, ia adquirindo mais terras que lhe ofereciam em pontos mais distantes e a preços cômodos, porém, nunca se desfazia de seu patrimônio”, tendo chegado a ser “um dos homens mais ricos” de Natal (*id.*: 4).

Manuel Machado faleceu no Rio de Janeiro (em data que Meira Bezerra não fornece ao certo) e foi sepultado no Cemitério de São João Batista. Mulher “simples, decidida e de grande visão comercial”, a então Viúva de Manuel Machado “não esmoreceu”, tendo continuado, com a ajuda de familiares, à frente dos negócios do marido.

Segundo Meira Bezerra, de seus “14 partos não sobreviveu um só filho”, talvez por isso mesmo era que ela tinha tempo para os negócios, para freqüentar a sociedade da época, assim como para doar-se para a religião e a caridade: “Conhecendo quase toda a população da cidade, com seu prestígio e simpatia, manteve a tradição da *Despesas Natalenses* e de seus negócios na área rural”. Foi então ajudada pelo seu sobrinho Humberto Micussi, que morava com ela no Palacete, “cabendo-lhe as administrações da Fazenda Pitimbú, Solar Ferreiro Torto, das salinas de Carnaubinha, pedreiras, imóveis e viveiros de peixes; com o apoio de tradicionais e excelentes empregados, gerentes que já existiam na *Despesa Natalense*, dava dois expedientes no seu escritório, onde atendia a clientela da praça e do interior” (*id.*: 5).

¹² Uma curiosidade apontada pela autora: em uma de suas rápidas passagens por Natal, a caminho de seu emprego na aviação Argentina, o célebre escritor/aviador francês Antoine de Saint-Exupéry (1900-1944) jantou com D. Amélia em seu Palacete (Nesi, 1994: 70). Segundo Bernard Alléguede, Saint-Exupéry freqüentava a Casa de Câmara Cascudo, onde “ia consultar a biblioteca” (2005: 147), e citando Gérard Fleury, acrescenta que o autor d’*O Pequeno Príncipe*, “para seu grande desgosto”, apenas tinha tempo de estar no Brasil de passagem para a Argentina, nunca podendo se demorar. De Natal, Exupéry “guardava **uma recordação encantadora**”, ainda que fugaz (*id.*: 178). Durante a 2ª Guerra Mundial, quando era oficial no Exército francês, o avião de Exupéry desapareceu no mar, em 31 de julho de 1944.

Durante a 2ª *Guerra Mundial* os estabelecimentos comerciais de D. Amélia Machado garantiram, para milhares de pessoas, o fornecimento de “mantimentos para os americanos da Base Aérea de Parnamirim, em construção, com quem mantinha excelente relacionamento; fornecia[m] também para os quartéis do Exército sediado em Natal, para a Base Naval e por muito tempo, abasteceu o Território de Fernando de Noronha, além de sua clientela tradicional, em Natal”. Outra contribuição sua para o desenvolvimento da cidade, ainda durante a 2ª *Guerra*, D. Amélia deu por ajudar aos seus amigos “que faziam a empresa construtora Armando Campelo & Gentil Ltda, que construía mais de 300 prédios na Base Aérea de Parnamirim, e na Rampa”. Ela “emprestava valores altíssimos para atender às folhas de pagamento, quando a remessa não chegava dentro do expediente bancário do sábado, mediante apenas um bilhete assinado por qualquer diretor da empresa” (*id.*: 5).

Dez anos antes, D. Amélia havia também ajudado a uma outra revolução – sem querer, ou mesmo, à força: a fracassada “Intentona Comunista” de 1935, que foi iniciada em Natal, a 23 de novembro, quando um golpe de poucos militares “comunistas” tentou tomar o poder no Estado. A Revolução espalhou-se depois para o Recife/PE e Rio de Janeiro (na época, a capital do país), mas não durou mais que 4 dias. Naquela ocasião D. Amélia “teve seu armazém saqueado duramente” (*id.*: 6). Homero Costa relata que na quarta-feira, 27 de novembro de 1935, o último dia da Intentona, “Como o comércio não abriu, alguns armazéns [de Natal] foram arrombados e saqueados”, como o da Souza Cruz, a representante da Ford, a loja de D. Amélia Machado, etc. (1995: 103)¹³.

Perto de aposentar-se de tantas atividades, passou a direção da *Despensa Natalense* para outro sobrinho seu, João Cláudio de Vasconcelos Machado. Com o avançar da idade, e não tendo “mais condições de manter aqueles padrões”, D. Amélia “resolveu dissolver seus negócios comerciais em Natal”. Depois disso, já “no final de sua existência, sem ostentação e despida de qualquer vaidade terrena recolheu-se ao ambiente sereno do seu palacete, com uma modéstia franciscana, limitava-se resignadamente a assistir aos mais íntimos, sempre sentada na sua cadeira de balanço” (*id.*: 5-6).

Infelizmente, conclui Meira Bezerra, “Esta mulher, símbolo do trabalho, da abnegação, de espírito filantrópico altíssimo, religiosa praticante, que teve seus dias de glórias no comércio e na sociedade”, chegou a passar em sua vida “por *momentos intoleráveis*”, quando em certo período de sua história, “pessoas inescrupulosas, cheias de ódio e inveja, procuram denegrir a imagem pura daquela dama, levantando invencionices saídas de mentes doentias, sempre por ouvir dizer, que ela era portadora de uma enfermidade que só poderia ser curada com órgãos de criancinhas que ela remunerava, maldições que ela recebia com compaixão daqueles que a injuriavam. Senhora profundamente religiosa, contribuiu ao longo de sua existência com doações valiosas para diversos templos católicos, inclusive a igreja de N^{sa}. S^{ra}. Do Rosário que foi, por mais de 50 anos a protetora maior, promovendo todas as suas festividades, com ajuda de outros. Fez ainda doações de terrenos valiosíssimas a diversas entidades religiosas e filantrópicas, tudo com simplicidade e despida de vaidade” (*id.*: 6). Ainda “lúcida e alegre”, faleceu a 18 de outubro de 1981, dois meses antes de completar 100 anos. Seu sepultamento foi “assistido por uma multidão incalculável”. Segundo Meira Bezerra, D. Amélia Machado merece, pela sua história em prol do desenvolvimento de Natal, ser “lembrada e homenageada por todos” (*id.*: 7).

Por fim, a melhor explicação que encontrei para a existência de tal associação, entre a figura de D. Amélia e o Mito do Papa-Figo, nos é oferecida pelo escritor potiguar João Batista Cortez. Em seu texto “Lendas Potiguares”, este autor afirma que é “inventada a macabra Lenda” em torno da Viúva Machado.

Na verdade, escreve Cortez, D. Amélia Machado “era associada ao arquétipo do ‘Papa-figo’”. (...) desconstruindo uma personalidade expressiva provavelmente por não perdoar suas antecipações

¹³ Sobre os movimentos da “Intentona Comunista de 1935” em Natal, consultar Homero Costa: *A Insurreição Comunista de 1935: Natal – O Primeiro Ato da Tragédia* (1995: 79 a 107). Também em Arez a Revolução se fez presente e deixou seu rastro de estragos (Costa, 1995: 109-110; e André Sales: *A “Intentona Comunista” de 1935, o “Movimento Tenentista” e a Participação do Cabo Moysés Lins (de Arez/RN)*, 2007a, no prelo).

feministas. O reacionarismo classista buscava reverter o destaque da marcante personalidade feminina, (...) Com tantas versões sobre a sua vida, outros segmentos da sociedade afirmam que a mesma era austera, decidida e caridosa. (...) Fica-nos, portanto, a certeza de que a Dona Amélia por ter vivido em um período predominantemente comercial, onde o monopólio exclusivo dos homens era visível, destoava desse contexto sócio-econômico-cultural. Rompia uma tradição onde os valores femininos eram socialmente inferiores aos masculinos. *Falar da Viúva Machado é tentar reconstruir a vida de uma mulher sem a qual não se pode contar humanamente a história da Cidade de Natal*” (2003: 3-4).

É obvio que o interesse em incutir medo nas crianças, para que elas não saiam à noite sozinhas pelas ruas, é um trabalho das pessoas adultas. Esta é a função social e o interesse útil que faz com que a sociedade reproduza essa Lenda através dos tempos, na Europa como em Natal ou Arez. Portanto, o fato de se atribuir tais ofensas e levantar falsas acusações, só por “ouvir falar”, contra uma mulher poderosa e rica, a Viúva Amélia Machado, juntando sua figura à assombrosa Lenda do Papa-Figo, foi invenção de pessoas adultas (claramente moralistas e machistas), interessadas em denegrir a imagem de tal pessoa. As crianças são, neste caso de invenção malévola, e sempre serão, inocentes, ainda que sejam usadas, diariamente, como “auto-falantes” perpetuadores de tal Lenda no imaginário coletivo.

5) A “Lenda da Procissão das Almas” (antiga “Missa dos Defuntos”):

Contam os moradores mais antigos de Arez que existe uma “Procissão das Almas” que sai de noite, caminhando, rezando e cantado pelas ruas da cidade. Também há pessoas jovens na cidade que dizem já ter visto, recentemente, essa Procissão rondando pelo cento da cidade, à noite, de frente à Igreja Católica. Aqueles que dizem ter visto a Procissão afirmam que é uma visão rápida, pois logo ela desaparece.

Conta a oralidade popular arezense que as “almas” caminham em procissão pela rua principal da cidade. O caminho que percorrem é sempre o mesmo, ou seja, elas vão da Igreja de São João Batista para o Cemitério Histórico de Arez, sempre à noite, todas cantando, vestidas de branco e de velas acesas nas mãos. Outras versões, ampliadas, afirmam que elas também acompanham um *enterro*.

Segundo Pedro Lins Neto, lembrando o período de sua infância em Arez, naquele tempo a lua cheia “parecia atizar a imaginação daquele povo, para recontarem suas tenebrosas histórias de alma penada, da Mulher-da-Saia-Dura e de um Enterro feito à luz de vela, pouco antes da meia-noite [a Procissão das Almas], metendo tal medo na meninada presente, que espavorida, na hora de dormir, às mães davam trabalho” (2006: 55).

Na verdade, a procissão lendária que em Arez é denominada de “Procissão das Almas”, é uma deformação, uma “versão” da antiga “Procissão dos Mortos” (ou, “Procissão dos Defuntos”), uma lenda essencialmente européia (e católica)¹⁴.

Câmara Cascudo afirma que até os últimos anos do século XIX, eram comuns no Brasil as “Procissões de Penitência, com flagelantes”, assim como as “Procissões das *Almas*”, realizadas em devoção às almas, “para diminuir-lhes as penas no purgatório”. Ou seja, a Procissão “das *Almas*” não é uma procissão de *almas penadas*, mas de pessoas normais, católicas, solidárias, que caminham em procissão rezando pelas almas dos falecidos (2001: 537-538).

Afora a “Procissão das Almas”, comuns nos rituais católicos até fins dos anos 1800, há a Lenda da existência de uma “Procissão dos Mortos”. Essa Lenda, observa Cascudo, ocorre no Brasil “adaptando-se a tradição comum a toda a Europa Cristã”. Como exemplo, o autor registra que “Na Igreja de Nossa Senhora do Rosário do Embu, [em] São Paulo, em determinada noite, os *esqueletos dos Padres Jesuítas* abandonam a sepultura comum sob o altar-mor e desfilam

¹⁴ Sobre a Lenda da Procissão das Almas e a da Procissão dos Mortos, consultar no *Dicionário do Folclore Brasileiro*, de Câmara Cascudo, o verbete Procissão (2001: 537-538).

processionalmente até o cemitério”. Chegando no cemitério, segundo Leonardo Arroyo (*Igrejas de São Paulo*), os esqueletos “permanecem horas seguidas em confabulação com os mortos. Ao desmaiar da noite, *o cortejo volta para a igreja*. Por isso, quando a luz se apaga no Embu, os moradores dizem que a procissão dos padres vai sair, pois ela é feita às escuras” (2001: 538)¹⁵.

Portanto, em Arez, como a pesquisa demonstrou, hoje as pessoas confundem a denominação “Procissão das Almas” (um estilo de procissão católica real, que já existiu, mas que não mais é realizada), com a “Procissão dos Mortos”, que é uma ficção, mas que, ao mesmo tempo, é também uma de nossas Lendas que permanecem vivas ainda no imaginário popular, já que existem relatos de pessoas que viram, na atualidade, a tal Procissão andando pelas ruas da cidade.

A seguir, passamos para os relatos colhidos pela pesquisa após a pergunta de partida: você já ouviu falar nesta Lenda?

“Há uma procissão das almas, que o povo antigamente ouvia. Elas caminhavam, em procissão, do Cemitério para Igreja de Arez, e da Igreja para o Cemitério. Todas rezando e de velas acesas” (Marluce, I).

“Ouvi falar disso no mundo, o povo fala por aí” (Seu Zé Agostinho, I).

“Elas passam cantando, disse que é uma fila enorme; que elas vão em passos cronometrados, tudo bem arrumadinho, como se fosse uma fila de exército” (Célia Freire, A).

“Disse que elas não seguram velas, mas sim, ossos. Disse que uma mulher foi olhar, e uma alma cuspiu para o lado dela” (Sueli, J).

“Disse que uma mulher ficava bordando, na calçada de sua casa, até altas horas da noite. Um dia, à meia-noite, a procissão passou na rua e uma pessoa, saindo da procissão, veio até ela e pediu para que ela guardasse uma vela, que ela depois voltaria para buscar. A pessoa demorou muito, a mulher esperou, mas o dono da vela não voltou. A mulher então guardou a vela numa gaveta; quando foi olhar no outro dia, não era uma vela, mas sim, um osso humano. Ela esperou anoitecer e ficou aguardando a procissão passar de novo, para devolver o osso para o dono. Quando a procissão passou de novo, ela chamou a pessoa e devolveu-lhe o osso. A pessoa disse a mulher que tinha feito aquilo para fazer medo a ela, para que ela não ficasse trabalhando até tarde da noite na rua. Mas ela entregou-lhe o osso e não teve medo. Ela já faleceu” (Daniel, J).

“Disse que elas caminham em procissão da Igreja para o Cemitério, nas sextas feitas” (D. Iolanda, I).

“Disse que uma mulher custava a dormir e estava na porta de casa quando ouvia uma cantoria, era a procissão. Uma mulher da procissão deu uma vela para ela. No outro dia, quando ela foi ver, era um osso de uma canela” (D. Maria da Paz, I, Arez).

“N... conta que um dia viu. Ela ia com uma amiga chamar uma pessoa, era de noite, quando chegou na esquina da praça viu a procissão entrando na Igreja, todo mundo de branco com velas acesas nas mãos, aí ela ficou abestalhada e não foi mais chamar a pessoa, foi para a Igreja. Quando chegou lá, as portas estavam fechadas. Não tinha ninguém lá!” (D. Nadir, I).

“Toda noite de sexta-feira saía essa procissão. As portas da Igreja se abriam e elas saíam. Era uma procissão com um enterro. Todas as almas vestidas de branco, com velas acesas nas mãos e um caixão de defunto preto, grande, no meio da procissão. Tinha em Arez uma mulher que não acreditava nessa história, Dona Maria, ela morava naquela esquina ali [aponta o lugar], era um casa de taipa com duas janelas na frente. Ela dizia que no dia que visse acreditava. Até que numa sexta-feira ela ficou esperando na porta de casa, para ver se via a procissão, e viu. As portas da Igreja se abriram e ela viu as pessoas saindo, todas de branco, velas acesas nas mãos e um caixão preto no meio, indo em direção ao Cemitério. A última pessoa que passou pediu que ela guardasse uma vela, até o outro dia, um Barandão (uma grande vela de antigamente), e ela guardou em casa, num canto

¹⁵ Cascudo também registra a existência de uma intrigante “Procissão dos Afogados” que, segundo a Lenda, ocorre sobre as ondas do mar na noite de 2 de novembro, Dia de Finados (2001: 538).

de parede. No outro dia ela foi olhar e não era uma vela, era um osso de gente, aí ela se assombrou. Ela ficou chamada, até morrer, de Maria Barandão” (Seu Pedro de Branca, I).

Nas palavras de Câmara Cascudo (*Literatura Oral...*), “Todos os mitos cristãos nos vieram de Portugal, *desfigurados* pela impressão popular. Almas penadas, tesouros dados em sonho, procissões de fantasmas, missas rezadas e assistidas por esqueletos, almas em penitência durante a noite (...) casas mal-assombradas, (...) são ‘presenças’ de mitos europeus, vindos através do colonizador” (p. 185).

Também, acrescenta nosso autor, Lendas que envolvem “Almas-Penadas”, são expressão da “idéia do pecado e da penitência” (p. 183).

Cascudo também cita Lendas que dizem que “Há uma noite em que um padre morto diz uma missa assistida pelo fiéis defuntos. Há depoimento em Minas Gerais de alguém que assistiu a ela. **Não há país europeu que não tenha essa visão.** É uma lenda porque possui outra característica, o elemento coletivo” (p. 106).

6) O “Mito da Serpente Gigante” da *Lagoa de Guarairas* (Arez-Tibau do Sul):

Segundo uma persistente Lenda de Arez, existe uma Serpente Gigante que mora na mata que circunda a Lagoa de Guarairas. Ela encanta as pessoas e as chama para perto, até que dá o bote, enrolando-se na vítima e matando-a apenas por apertá-la. Depois ela engole sua presa.

Esse Mito, da existência de serpentes gigantes nas margens de rios e nos mares, existente **por todo o mundo**, desde o começo dos tempos, já existia também (segundo relatos dos anos 1500) entre os índios do Brasil, que a chamavam de *Boiúna* (que até hoje é sinônimo *Sucuri*, segundo o Dicionário Aurélio¹⁶). Ou seja, *Boiúna*, *Cobra Preta*, *Sucuri* (*Sucuriju*) e *Cobra Grande*, no Brasil, são sinônimos. Em seu livro *Geografia dos mitos Brasileiros* Câmara Cascudo classifica o Mito Aquático da Mãe-D’Água (uma variação da Cobra Grande) como um dos Mitos Primitivos e Gerais Europeus (1976: xiv)¹⁷.

Muito antes do ano de 1500, quando o Brasil foi achado e entrou para a História (escrita), os europeus já conheciam, desde tempos imemoriais, as Lendas de Serpentes Gigantes. Como constata Régis Boyer (“A Grande Serpente”), no mundo todo “poucas são as mitologias que não têm sua Grande Serpente”, a Grande Serpente “jamais deixou de perseguir nossa imaginação” (1998: 430).

Contemporaneamente, no Brasil, essa Lenda é uma mistura de contos e histórias diferentes, que variam de região para região. Câmara Cascudo explica que a **Boiúna é Mito Aquático**. Dentre estes Mitos da Água, “a cobra é um dos símbolos mais antigos e *universais*” (2001: 144). Além disso, a Boiúna é “o mais popular dos mitos amazônicos”. O nome da Boiúna vem do Tupi: *Mboi* – cobra; e *una* – preta = Cobra Preta (*id.*: 74). Cascudo acrescenta ainda que “os mitos da Boiúna (cobra preta) são realmente lógicos dentro da mentalidade ameríndia” (1978: 124), e mais, “O boto e a Boiúna, Cobra Grande, são os dois mitos mais vivos no labirinto potamológico [por exemplo] do Pará” (*id.* 126). A Cobra Grande é também conhecida pelo nome Tupi *Mboiaçu* – de *Mboi* – cobra; e *açu* – grande (*id.*: 144).

Sobre a *Sucuri* (ou, Boiúna) José de Alencar escreve, de acordo com a pesquisa etimológica da língua Tupi feita por ele para seu livro *Iracema*, que a *Sucuri* é a “serpente gigante que habita nos grandes rios e engole um boi. De *Suu* – animal, e *Cury* ou *Curu* – roncador. Animal roncador, porque de feito o ronco da sucuri é medonho” (1984: 98). Já Câmara Cascudo adverte sobre a *Sucuriju* (*Sucuri*) que “A verdade é que ela não é venenosa, mede cerca de 15 metros, e o perigo que oferece reside na força constringente com que parte os ossos da presa, para depois engoli-la”,

¹⁶ Aurélio Ferreira (1986: 269): Boiúna é a cobra negra; Sucuri; “Figura mitológica indígena, temida por sua maldade, e que toma a forma de cobra”.

¹⁷ Sobre o Mito Aquático da Mãe-D’Água consultar no *Dicionário do Folclore Brasileiro*, de Câmara Cascudo (2001), os seguintes verbetes: Boiúna (p. 74); Cobra Grande (pp. 144-145); Mãe-D’Água (p. 348); e Sucuriju (pp. 645-646).

ou seja, ela enrosca-se na presa e aperta até matar (2001: 645-646)¹⁸. Em fins de 2005, para lembrarmos de um exemplo recente, os meios de comunicação registraram a captura, na região Centro-Oeste, de uma Sucuri que havia engolido um bezerro de cerca de 120 quilos, ou seja, o estômago desta serpente “gigante” cabe seres inclusive mais pesados que a maioria dos homens comuns.

Tratando sobre Lendas do Mar e dos Rios, em Recife/PE, Gilberto Freyre cita as “Cobras grandes, misteriosas, [que] aparecem em histórias recifenses de assombração”, e tanto se refere aos homens do mar, moradores da beira-mar, como também aos moradores “da beira dos rios ou dos simples riachos”, que não somente no Brasil, ou no Nordeste, “têm visto figuras que não constam dos compêndios de história natural: só da história sobrenatural”. Ou seja, não é só o mar que possui Lendas que “se tem misturado à história sobrenatural da cidade e dos homens: também – repita-se – a água dos rios, dos riachos, dos simples alagados. Refúgios também de entes estranhos, de mistérios, de assombrações (...). Espécie de fantasma que o povo diz aparecer certas noites, saindo das ondas” (1974: 16-19).

Outro Mito que envolve Cobra Grandes, é o da Moura Encantada, que segundo afirma Cascudo, emigrou de Portugal para o Brasil, mas sem a “indumentária e a técnica usadas em Portugal”. No Brasil, “convergiu para o mito brasileiro das Mães-d’água, trazendo mais um elemento, a possível forma ofídica [de cobra] e o regresso às feições humanas normais”, ou seja, a Mãe-d’água é uma *serpente* que na noite de São João desencanta-se, tornando-se uma moça bonita, “perto das fontes, penteando-se com pente de ouro e cantando como os anjos do Céu” (1978: 184)¹⁹. Cascudo também escreve que, por exemplo, segundo o relato de von Martius, na Amazônia “Não há sereias. A Mãe-d’água, ou Mãe do rio, *paranamaia*, é uma *cobra* aquática” (*id.*: 110). E ainda acrescenta que “Os principais mitos portugueses que vieram para o Brasil, tendo ambiência psicológica e vida perpétua na compreensão popular, foram relativamente poucos” (*id.*: 183), por exemplo: o Mito do Lobisomem, o da Moura Encantada e o das “Almazonas”.

Vejamos então os relatos colhidos pela pesquisa após a pergunta de partida: você já ouviu falar nesta Lenda?

“Dizem que era uma moça que perdeu a virgindade. O pai amarrou ela no tronco de uma árvore e deixou-a sem comida, sem nada. Quando foi procurá-la depois, ela não estava mais lá, e sim, transformada numa serpente. Ela canta. O seu cantar atrai. Então a pessoa vai na direção dela e ela come a pessoa. Dizem que muitos homens daqui já foram comidos por ela. É porque quando se vai caçar, se mexe com a semente da natureza” (Célia Freire, A).

“Disse que ela pega a unha e enterra num tronco de pau grosso [numa árvore], e chama o bicho, ou gente, e disse que ela quebra os ossos todinhos do bicho, ou da pessoa que ela pegar” (D. Maria da Paz, I, Patané). *Aqui, eu tenho que perguntar: e cobra tem unhas?*

“Na mata mora uma serpente com mais de 20 metros. Vive lá, procurando gente para comer. Só aparece de noite. Ela faz um *barulho* com a cauda para chamar a atenção. Quem vai caçar é atraído pelo barulho e segue em direção dela; quando vai se aproximando dela, a pessoa fica sem força para voltar, aí ela se aproxima e dá o bote. Quebra a pessoa três dias para fazer a digestão, depois, fica aguardando o próximo. Dizem que muitos homens já foram engolidos por ela” (Célia Freire, A).

“Antigamente falavam da Sombreira. Era uma Serpente que se encantava. Quando ela aparecia, alguém que estivesse na margem do rio e ia olhar pra ela, a seguia e se afogava” (Marluce, I).

¹⁸ Já segundo o *Dicionário Aurélio*, a Sucuri (sinônimo de Boiúna, Sucuriju) é um “Réptil da família dos boídeos (...), das regiões de grandes rios e pântanos do Brasil”, é desprovida de veneno, “Chega a 10m de comprimento. Vive na água, em rios e lagoas, alimentando-se de peixes, aves e mamíferos, que engole após triturar-lhes os ossos por compressão muscular” (1986: 1625).

¹⁹ Consultar também os textos de Ademar Vidal (1950): “Variações Sobre a Mãe D’água” (pp. 311-313) e “As Lendas Mais Populares” (pp. 573-574).

“É a *Boiúna*. Ela já morreu. Os olhos dela eram do tamanho de um pires [imaginem o restante do corpo!]” (D. Maria da Paz, I, Arez).

7) A “Lenda do Cavaleiro Sem Cabeça”:

Como já citado antes, em relação à Lenda do Túnel holandês, relembro que “Toda literatura oral se aclimata pela *inclusão de elementos locais* no *enredo central* do conto, da anedota”, Lenda, etc. (Cascudo, 1978: 4). Ou seja, com o tempo, aos elementos ao enredo, ao tema central, vão-se acrescentando elementos novos, diferentes, que se desenvolvem com o passar do tempo e que têm a finalidade de possibilitar o entendimento para aquela população, habitante daquele determinado local. Assim ocorre com a Lenda Européia do “Cavaleiro sem Cabeça”, se se comparar, por exemplo, as narrativas dos arezenses – a seguir – e o filme recente, dirigido por Tim Burton, *A Lenda do Cavaleiro Sem Cabeça* (EUA, 1999), vê-se que desta Lenda Européia só resta, aqui no Brasil, os seus elementos centrais, quais sejam: a presença do cavaleiro; sua espada afiada e decepadora; seu cavalo; a disputa entre bem e mal; e o fato de ele ser uma **alma penada** e cortar cabeças.

Também esta Lenda, que envolve “Almas-Penadas”, segundo a análise de Cascudo, é expressão da “idéia do **pecado** e da **penitência**”. Como todos os mitos cristãos, vindos de Portugal, “almas penadas, almas em penitencia durante a noite”, são “presenças de *mitos europeus*”, emigrados para o Brasil com os nossos colonizadores (1978: 183-185).

Esta Lenda foi aqui incluída porque, de acordo com a pesquisa, é uma Lenda viva na oralidade popular arezense.

“Ele andava de noite. Só se escutava o galope. Se alguém visse, se assombrava; ele corria atrás da pessoa até ela chegar em casa. Quando chegava de frente da casa da pessoa, ele riscava o chão com as patas do cavalo, aí então a pessoa desmaiava do susto. Contavam essa história para o povo não ficar até tarde nas ruas, para assustar as pessoas” (Marluce, I).

“Minha mãe já contava essa estória” (Célia Freire, A).

“Já ouvi falar. Antigamente. Depois da blasfêmia, dessa depravação do povo do mundo, tudo acabou [todas essas assombrações]” (Seu Pedro de Branca, I).

LENDAS COMPLETAMENTE LOCAIS (AINDA QUE REPETINDO TRAÇOS DE ANTIGAS LENDAS DE ALHURES):

8) A “Lenda da Mulher-da-Saia-Dura”:

A Lenda da Mulher-da-Saia-Dura é uma *Lenda Local* de Arez. Pedro Lins Neto, como já citado, ao relembrar o tempo de sua infância em Arez, conta que naquele tempo a lua cheia “parecia atizar a imaginação daquele povo, para recontarem suas tenebrosas histórias de alma penada, da Mulher-da-Saia-Dura e de um Enterro feito à luz de vela, pouco antes da meia-noite [a Procissão das Almas], metendo tal medo na meninada presente, que espavorida, na hora de dormir, às mães davam trabalho” (2006: 55).

Mais adiante neste mesmo livro, Lins Neto conta com detalhes a história dessa Lenda. De acordo com este autor: “A imaginária, fictícia mulher mitológica de Arez – a Mulher-da-Saia-Dura – era um duende na fantasia do povo até ao tempo da minha infância, que fascinava e aterrava a população simploriamente crédula de Arez. Tratava-se segundo a versão corrente, do vulto de uma alta mulher, empertigada, vestida numa armada e longa saia, cujo rebordo (orla) chegava-lhe aos pés”. Essa “visagem” aparecia para os caminhantes noturnos “somente nas noites de branco luar”, às vezes, “mostrando-se ao pé da Santa Coluna [defronte à Igreja Matriz], a varrer sua exígua calçada. Viam-na um ou outro noctívago solitário a vaguear pelas ruas, nas horas mortas e misteriosas, na fronteira da meia-noite, hora quando sua aparição inicial se dava ao pé da Santa

Coluna, um monumento erigido à fé católica, a 20m da Igreja matriz. Ali por bom tempo mantinha-se, conservando-se imóvel como uma estátua, e de costas para quem a observava”. Caso alguém a visse, continua o autor, “Percebendo que olhos indiscretos espreitavam-lhe, ela desistia da inércia retirando-se. Aparentemente sem pressa, se deslocava, embora nunca fosse alcançada por quem a seguisse, mesmo pondo ligeirice na passada do encalço. Sempre mais e mais se distanciava, ainda que parecendo compassar a mesma passada, de modo que de perto quem lhe seguisse cobrindo-lhe o rastro, tendo-a debaixo da vista como fez Manoel Leocádio” (um antigo morador de Arez que vendo a aparição da Mulher-da-Saia-Dura e seguindo-a), “mesmo envidando esforço, dela jamais se achegava”, quando, por fim, a aparição desapareceu, subitamente, em uma curva da estrada, Manoel assombrou-se, desistiu e voltou para casa, “jurando a si mesmo nunca mais o que não lhe competia, ir querer desvendar” (2006: 160-161).

Descobrimos com a pesquisa que a população mais jovem da cidade confunde a Lenda da Mulher-da-Saia-Dura com outra Lenda Local, a da “Mulher que anda com um menino chorando nos braços”. Os relatos a seguir demonstrarão as diferenças entre as duas Lendas Locais.

Passemos então à descrição dos dados colhidos pela pesquisa após a pergunta de partida: você já ouviu falar nesta Lenda?

“Uma moça engravidou e tomou remédio para abortar. A criança morreu, mas a mãe morreu desta gravidez. Ela caminhava de noite, penando, com o menino nos braços, do Cemitério para a Igreja de Arez, e da Igreja para o Cemitério. Usava uma saia dura (eu acho que era de couro), aí ficou o nome: mulher da saia dura” (Marluce, I).

“Era uma moça que perdeu a virgindade, engravidou e foi expulsa de casa pelo pai. Ela tomou veneno, estava com quatro meses de gravidez. Aparece chorando, pedindo clemência. Vestia uma saia armada, acho que era para ninguém perceber a barriga dela” (Célia Freire, A).

“Era uma moça que engravidou, o pai expulsou ela de casa e ela foi morar na mata; o filho morreu. Ela vive nas ruas acalentando essa criança. O povo diz que escutada a criança chorando” (Luciana, A).

“Diziam os mais velhos que há muito tempo, aqui na cidade de Arez, uma moça engravidou sem ser casada. Naquela época, uma moça engravidar sem ser casada era muito mal vista. As pessoas se afastavam dela, como se ela tivesse uma doença contagiosa. E foi por isso que a moça se viu tão desesperada que se suicidou. E hoje, às quartas-feiras, lá pela meia-noite, ela aparece na rua com o menino nos braços chorando sem parar. Dizem que ela anda na rua toda [o centro da cidade] chorando e pedindo clemência” (***, J).

“Disse que ela corre atrás das pessoas” (Daniel, J).

“Meu tio contou-me uma vez que passou uma noite pela Santa Coluna [defronte à Igreja de Arez] e viu uma mulher ajoelhada; ele deu Boa Noite para ela, por três vezes, e ela não respondeu, mas, da terceira vez, ela correu atrás dele. Ele correu até chegar em casa, onde a porta estava só encostada; ele caiu então direto na rede, que estava armada na sala, e desmaiou (‘caiu teso na rede’). Outra pessoa que estava por perto disse que então ouviu ela dizer que a salvação dele foi a porta estar encostada” (Lena, A).

“Ela engravidou e o pai expulsou ela de casa. Ninguém sabia porquê a saia era armada” (Ildenar, A).

“Ela vivia com o menino chorando nos braços, pelas ruas. Ela acompanhou I... até a porta de casa. Em casa, ela caiu dura na porta, desmaiada, aí botaram ela para dentro de casa” (D. Iolanda, I).

“O povo meu, antigo, já falava. V... chegou uma vez, tarde da noite, em casa, e disse que viu a Mulher da Saia Dura, que ela era bem alta, magra” (D. Nadir, I).

“Ela estava grávida, tomou veneno, matou o menino. Anda com a criança chorando nos braços, pelas ruas. Naquele tempo era um escândalo ter um filho sem ser casada. Dr. Juca ainda conversou com ela, antes dela morrer, mas não se salvaram, nem ela nem a criança” (Lúcia, A).

“Um dia seguiram ela e descobriram que ela era uma mulher da vida, que procurava os rapazes da cidade, de noite, na rua” (D. Maria Alvina, I, *in memoriam*).

“São duas histórias diferentes” (Seu Eroíso, I; D. Nadir, I; Seu Pedro de Branca, I).

“A Lenda do menino chorando eu não sei contar” (Seu Pedro de Branca, I).

“Os mais antigos contavam. Ela só saía depois da meia noite, trajada em roupa branca. Achavam que era uma mulher que traía o marido. Uma dia o sub-delegado (João M. C.) estava numa seresta e viu ela passar, aí ele seguiu ela para tirar a prova, foi atrás dela, para descobrir a verdade. Ela andou todas as ruas, depois de andar tudo, ela desceu para a Bica (onde hoje é a Tecnarão), e ele seguindo, lá tinha dois oitizeiros grandes, no primeiro oitizeiro ela parou, depois, continuou, e ele atrás dela, quando chegou no segundo oitizeiro ela parou e disse: – ‘Perca o costume de cuidar daquilo que não é da sua conta’. Quando então olhou para ele, era uma caveira. Ele se assombrou e desmaiou. Depois acharam ele desmaiado. Dali em diante, para ele, ela nunca mais apareceu” (Seu Pedro de Branca, I).

Repetindo Cascudo, Lendas que envolvem “Almas penadas (...) almas em penitencia durante a noite (...) são **‘presenças’ de mitos europeus**, vindos através do colonizador” (*Literatura Oral ...*, 1978: 185). E antes, já havia escrito o autor que Lendas de Alma Penada são também expressão da “idéia do **pecado** e da **penitência**” (*id.*, 183).

E em relação à roupa da protagonista da Lenda, a *saia* (“dura”, armada), Cascudo também diz que, quando o assunto é Lenda, “A indumentária das damas não obedece às sugestões modernas. Os vestidos têm caudas, mangas longas, véus” (p. 257).

Cascudo também já foi aqui citado, sobre esse assunto, dizendo que “Todos os mitos cristãos nos vieram de Portugal, desfigurados pela impressão popular. Almas penadas, tesouros dados em sonho, procissões de fantasmas, missas rezadas e assistidas por esqueletos, almas em penitencia durante a noite, gritos, luzes, rumores de correntes, gemidos soturnos, casas mal-assombradas, (...) são ‘presenças’ de *mitos europeus*, vindos através do colonizador” (p. 185).

Pedro Lins Neto, em seu livro *Maranduva*, já ofereceu uma explicação para o desaparecimento dessa Lenda em Arez, apesar de que, como se viu, ela ainda está viva e presente na vida cotidiana e no imaginário popular arezense.

Relembrando o tempo de sua infância, Lins Neto afirma que o “fantasma” noturno da Mulher-da-Saia-Dura (tal como o Assoviador, antes analisado), “com a chegada da luz elétrica em Arez, no mês de março de 1949, desertaram”, sumiram (2006: 169). Para este autor, como já citado, quando o Prefeito Aduino Rocha entregou a Arez “toda uma estrutura de geração de energia elétrica”, com suas “formidáveis lâmpadas elétricas”, *fugiram da cidade “todos os fantasmas que povoavam” as noites de Arez* (*id.*: 500; e 1997: 192).

9) A “Lenda do Berrador” (ou, “O Bicho Berrador”), Endêmica ao Distrito de Patané:

Esta Lenda trata de um grande e aterrorizante “berro” que se ouve pelas ruas da cidade, à noite. É um “berro” encantado, ou pertencente a um “bicho encantado”, já que, segundo os que já o ouviram, não procede de bicho nenhum que se conheça.

No seu livro *Derradeiras Cartas da Praia* (de 1989) o historiador potiguar Hélio Galvão relata situações em que aparece o tal “berro” e pessoas que dizem já tê-lo ouvido (neste caso, em Tibau do Sul/RN, município vizinho a Arez, também localizado às margens da Lagoa de Guaraíras). Galvão escreveu em sua carta de 14 de junho de **1969** que ouviu o “Bicho Berrador”, no sítio de seu pai, no povoado de Pernambuquinho: naquela noite da audição assombrosa, o historiador conta que sua esposa (Ilíria) também ouviu os urros do bicho, além de seu pai e várias outras pessoas, menos sua mãe, por estar quase surda naquela época (Galvão, 1989: 102).

Segundo ele *não* era um *onça*, e sim, eram “estranhos berros de um estranho animal”, urros feios e espantosos, enchendo a todos de **medo** e pavor. E ele conclui afirmando que pode alguém achar que é “estória da carochinha”, mas que ele ouviu o Bicho Berrador “com estes *ouvidos* que a terra há de comer” (*id.*: 102-103).

Refiro-me a esta Lenda Local (que ocorre, pelo menos, em Arez e em Tibau do Sul) pelo fato de que, dentre os entrevistados na Pesquisa de Campo, muitos sabem de sua existência, além de haver relatos sobre pessoas de Arez que ouviram recentemente tal “berro”; ou seja, esta Lenda faz parte da memória coletiva da população arezense, é uma Lenda viva na oralidade popular contemporânea.

Vejamos agora a descrição dos relatos colhidos pela pesquisa após a pergunta de partida: você já ouviu falar nesta Lenda?

“Na Mata de seu Tobias, entre Cercado e a Ladeira de Seu José Fernandes [entre Arez e o povoado de Patané], ouve-se um berro, a altas horas da noite, tão grande que a pessoa ficava tonta e desmaiava” (Marluce, I).

“Já ouvi falar de mais dessa história. A própria minha mãe já ouviu, e ela não era mulher de mentira, não. Foi na Matinha [Mata de Seu Tobias]. O povo dizia: aquele berro ali, é do Berrador!” (D. Maria da Paz, I, Patané).

“Não só conheço essa história como já ouvi esse berro. Eu vinha montado numa mula, no caminho de Patané. Esse berro me acompanhou das proximidades da Ladeira de Pretinho até a Ladeira de João Isaías; parou aí, e veio começar, de novo, nas quatro bocas, acompanhando meu caminho até em casa [no povoado de Areias]. Não tive medo porque eu nunca tive medo de nada!” (Rosalvo, A).

“Já ouvi falar dessa estória. Todo mundo fala. O povo fala nesse Berrador, mas eu nunca ouvi” (Seu Zé Agostinho, I).

“O povo dizia que no Rio do Meio [povoado da zona rural de Arez] já se ouvia esse berro” (Ana Célia, A).

“Minha nora já ouviu, de noite, um dia desses, mesmo. Dizem que se ouve o berro e a zoadá de patas de cavalo” (Maria do Céu, I).

“**Já ouvi esse berro.** Na estrada, de frente da minha casa. Era de madrugada, eu estava acordada, na cama, e fiquei ouvindo. Berrou um bom pedaço, do Rio [do Meio] até a Mata [próxima ao Rio]. Andava ligeiro. **Era um berro diferente de tudo, não era de bicho nenhum, tenho certeza.** Fiquei toda arrepiada” (Fabiana, J, a nora de Maria do Céu).

10) A “Lenda do Peixe Gigante” da Lagoa de Aranun:

Reza a Lenda que na Lagoa de Aranun, em Arez, aparece um Peixe Gigante que engole as pessoas²⁰. Acredito que a explicação possível para a “invenção” dessa Lenda Local esteja no fato de que tais “Lendas das Águas” são inventadas com a **função social** de incutir **medo** nas crianças, objetivando evitar possíveis afogamentos, por isso é que quase toda grande lagoa tem sempre ao seu redor uma lenda qualquer acerca de animais “gigantes” ou que engolem pessoas, tal como

²⁰ A Lagoa de **Aranum** possui esse nome há mais de 3 séculos (vem do Tupi:

Campo das Araras). Como já citado, a Aldeia indígena de Aranum, que existia às margens da referida Lagoa, está inscrita na História, desde **1610**, em documentos que registram “datas de terras” no Rio Grande do Norte (“Traslado do Auto da Repartição das Terras...”, de 1909) e, principalmente, no Mapa de Jorge **Marcgrave**, de **1643** (grafada como **Araunu**), como já citado, desenhado na época da ocupação holandesa no Nordeste do Brasil (incluído no livro de Casparis Barlaei: *Rerum per Octennium in Brasilia...*, 1647). Olavo de Medeiros Filho (1998: 75) lembra que a Aldeia de Aranum também foi registrada no Mapa de C. B. **Golijath** (assinalada como **Oriaranum**), de **1638**, incluído no Atlas de Johannes Vingboons (de 1665). A extinta Aldeia arezense também tem importância histórica porque 2 de seus chefes indígenas participaram da famosa *Assembléia de Índios de Pernambuco*, em 1645 (realizada no período da invasão holandesa): Diogo Paes Buto e Jerônimo Coelho (Souto Maior, 1910: 66).

ocorre, por exemplo, na Lagoa do Bonfim/RN (onde a Lenda diz que mora um *monstro*) e na Lagoa de Estremoz/RN (onde o povo diz que existe uma *cobra encantada*).

Refiro-me aqui a esta singela Lenda pelo fato de que, dentre os entrevistados na Pesquisa de Campo, muitos sabem de sua existência, ou seja, não se pode negar que esta Lenda faz parte da imaginação coletiva do povo de Arez, é uma Lenda *viva* no cotidiano popular.

Feita a pergunta de partida: você já ouviu falar nesta Lenda?, obtivemos as seguintes respostas:

“Dizem que existe um peixe gigante na Lagoa de Aranun, é um peixe encantado. Disse que pode engolir um homem inteiro” (Célia Freire, A).

“Dizem que ele aparece. Que come gente” (Daniel, J).

“Dizem que é um Camurupim” (Jorge Freire, A).

“Dizem que ele come até cachorro” (Sueli, J).

“Na Lagoa de Aranun o povo conta que existe um enorme Pirarucu [segundo a maioria dos relatos, é um Camurupim]. Que sempre no sol-a-pino ele aparece, e quem estiver lá, a meia-noite ou com o sol-a-pino, o peixe dá um bote e come todo mundo. Dizem que ele comeu muitos homens de uma vez, e que aqui da cidade já comeu bastante, e que está lá pra todo mundo ver” (Célia Freire, A).

“Já ouvi falar. É um Camurupim. É um peixão. Disse que ele existe, mas nunca comeu gente. É grande. Só. Não é gigante, não” (Seu Pedro de Teodomiro, I).

“Já ouvi falar. É grande. Não é gigante” (Seu Francisco, A).

“Outros dizem que é um jacaré” (D. Nadir, I).

“É grande, mas não é aquilo tudo, não” (Seu Jovino, I).

Um Resumo para Finalizar essa obra de etnografia e Antropologia potiguar-arezense:

Segundo Câmara Cascudo (*Literatura Oral...*), e como vimos nas narrativas acima, “Toda literatura oral se aclimata pela inclusão de elementos locais no enredo central do conto, da anedota”, lenda, etc. (1978: 4). Como vimos acima, as lendas se misturam entre si, cada relator acrescenta ou diminui coisas diferentes, ou seja, vão-se acrescentando elementos ao enredo, ao tema central, que se desenvolvem com o passar do tempo, com a finalidade de possibilitar o entendimento para aquela população, habitante daquele determinado local.

Já sobre a **finalidade social** de tais Lendas, estórias e Mitos, diz Cascudo que “A finalidade não é distrair ou provocar **sono às crianças** mas **doutrinar**, pondo ao alcance da mentalidade infantil e popular, por meio de apólogos, estorieta rápidas, o corpo de **ensinamentos religiosos e sociais** que preside à **organização do grupo**”. Por isso mesmo é que “todas as estórias, facécias, mitos, lendas, anedotas” vêm sempre acompanhadas de “prêmios e castigos” (*id.*: 34).

Quanto ao desaparecimento de muitas dessas “assombrações”, alguns entrevistados já explicam, assim como Gilberto Freyre (em 1951) também já explicava, que “O [s] **mistério** [s] continua [m] conosco, homens do século XX, embora **diminuído** [s] **pela luz elétrica** e por outras luzes [aquelas emanadas de ‘certas verdades científicas’]” (1974: xxxiv). Como bem disseram dois entrevistados da pesquisa: “Naquele tempo não tinha luz elétrica em Arez”; “Eu escutei o assóvio dela muitas vezes, sempre de noite, agora deixou. Mas quando não tinha luz elétrica, eu ouvi muito”. A Cidade Grande, o progresso e a tecnologia diminuíram, se não apagaram, a existência das Lendas nas metrópoles. Gilberto Freyre lembra então que existem Lendas e Mitos da cidade e do campo, e cita a Caipora, o Boitatá (Batatão), o Curupira, o Zumbi de Cavalo, e o Saci-Pererê como sendo “Mitos rústicos e *não urbanos*”, tais Mitos, afirma Freyre, parece só agirem “diretamente *nas brenhas*” e não nas *grandes cidades*, são Mitos “agrestes”, ausentes da “história sobrenatural” das cidades grandes (1974: 18).

Por fim, mais uma vez citando o professor Cascudo, ao lhe perguntarem sobre o porquê do desaparecimento de certas Lendas, ele respondeu que “não se sabe como e por que algumas estórias

sucumbem e outras, inexplicavelmente, reagem e sobrevivem ainda, “invictas”, até os dias de hoje: “O que possa significar o segredo dessa resistência, é mistério” (1978: 169).

REFERÊNCIAS

(a diminuir!)

ALLÉGUÈDE, Bernard. *Os Franceses no Rio Grande do Norte*. 2ª ed. Natal: Sebo Vermelho, 2005.

ALENCAR, José de. *Iracema*. São Paulo: Moderna, 1984.

BARLAEI, Casparis. *Rerum per Octennium in Brasilia et Alibi Nuper Gestarum, Sub Praefectura Illustrissimi Comitiss. I Maurutii Nassoviae*. Amsterdam: Tipografia Joannis Blaeu, 1647.

BARLÉU, Gaspar. *História dos Feitos Recentemente Praticados Durante Oito Anos no Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia/São Paulo: USP, 1974. (trad. Cláudio Brandão, 1ª ed.: 1647).

BEZERRA, Luís Gonzaga Meira A Viúva Machado. Mossoró: Fundação Vingt-Un Rosado, 1999. (Coleção Mossoroense, Série B, nº 1781).

BOYER, Régis. “A Grande Serpente”. in. BRUNEL, Pierre (Org.). *Dicionário de Mitos Literários*. 2ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998. (trad. Carlos Sussekund et. al.).

CASCUDO, Luís da Câmara. *Mande in África – Pesquisas e Notas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

_____. *Nomes da Terra: Geografia, História e Toponímia do Rio Grande do Norte*. Natal: FJA, 1968.

_____. *Geografia dos Mitos Brasileiros*. 2ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio/MEC/INL, 1976. (Coleção Documentos Brasileiros, v. 52).

_____. *Literatura Oral no Brasil*. 2ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978. (Coleção Documentos Brasileiros, nº 186).

_____. *Folclore do Brasil: Pesquisas e Notas*. 2ª ed. Natal: FJA, 1980. (1ª ed.: 1967).

_____. *Dicionário do Folclore Brasileiro - Edição Revista, Atualizada*. 12ª ed. São Paulo: Global, 2012.

CORTEZ, João Batista. “Lendas Potiguanas”. *Jornal GALANTE*. Natal: Scriptorin Candinha Bezerra/Fundação Hélio Galvão, v. 2, nº 02, mensal, abril de 2003.

COSTA, Homero de Oliveira. *A Insurreição Comunista de 1935: Natal – O Primeiro Ato da Tragédia*. São Paulo/Natal: Ensaio/CCURN, 1995.

CUNHA, Euclides. *Os Sertões: Campanha de Canudos*. 29ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves/INL, 1979.

FERREIRA, Aurélio B. H. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

- FREITAS JÚNIOR, Osmar. “As Metamorfoses do Bom Velhinho”. *Isto É*. São Paulo: Editora Três, nº 1888, 21/12/2003.
- FREYRE, Gilberto de Mello. *Assombrações do Recife Velho – Algumas Notas Históricas e Outras Tantas Folclóricas em Torno do Sobrenatural no Passado Recifense*. 3ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio/INL, 1974.
- GALVÃO, Hélio. *Derradeiras Cartas da Praia & Outras Notas Sobre Tibau do Sul*. Natal: Clima/FJA/FCHG/PMTS, 1989.
- LINS NETO, Pedro. *Em Cada Coração Uma Saudade*. Natal: UFRN, 1997.
- _____. *Maranduva*. Natal: Gráfica União, 2006.
- LYRA, Augusto Tavares. *História do Rio Grande do Norte*. 3ª ed. Natal: IHG/RN, 1998.
- LOPES, Fátima Martins. *Índios, Colonos e Missionários na Colonização da Capitania do Rio Grande do Norte*. Mossoró/Natal: Fundação Vingt-Un Rosado/IHG/RN, 2003.
- LOPEZ, Adriana. *Guerra, Açúcar e Religião no Brasil dos Holandeses*. São Paulo: Senac, 2002.
- MEDEIROS FILHO, Olavo. *Os Holandeses na Capitania do Rio Grande*. Natal: IHG/RN, 1998. (Coleção Cultura, nº 6).
- NESE, Jeanne, Fonseca Leite. *Natal Monumental*. Natal: FJA/APEC, 1994.
- PRINS, Gwyn. “História Oral”. in. BURKE, Peter (Org.). *A Escrita da História: Novas Perspectivas*. São Paulo: EdUNESP, 1992a.
- REGO, José Lins do. *Menino de Engenho*. 86ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.
- REIS, José Carlos. “*Nouvelle Histoire*” e *Tempo Histórico – A Contribuição de Febvre, Bloch e Braudel*. São Paulo: Ática, 1994.
- REVISTA CONTINENTE DOCUMENTO – CÂMARA CASCUDO, A VIDA DENTRO DA OBRA. Recife: CEPE, Ano IV, nº 48, mensal, agosto de 2006.
- REVISTA PROVÍNCIA – ESPECIAL CÂMARA CASCUDO. Natal: FJA, nº 2, 1968.
- RIBEIRO, Maria de Lourdes Borges. *Folclore*. Rio de Janeiro: Bloch/FENAME, 1980.
- SALES, André Valério. *Câmara Cascudo: O Que é Folclore, Lenda, Mito e a Presença Lendária dos Holandeses no Brasil*. João Pessoa: EdUFPB, 2007. In. <https://www.researchgate.net>.
- SALES, André Valério. *Câmara Cascudo: Sua Teoria Folclórica, o Método de Pesquisa e Sua Relação com as Classes Populares*. João Pessoa: EdUFPB, 2007a. In. <https://www.researchgate.net>.
- SALES, André Valério. *Lugares e Personalidades Históricas de Arez/RN*. João Pessoa: EdUFPB, 2012. In. <https://www.researchgate.net>.
- SALES, André Valério. *Câmara Cascudo e Seu Erudito Preparo Linguístico no Romance Canto de Muro*. João Pessoa: Mídia, 2013. In. <https://www.researchgate.net>.
- SALES, André Valério. *Câmara Cascudo e Hábitos Judaicos Presentes no Cotidiano dos Brasileiros e em Arez/RN*. João Pessoa: Mídia/Natal: União Brasileira de Escritores, 2014. In. <https://www.researchgate.net>.
- SALES, André Valério. *Câmara Cascudo, o Quase Desaparecimento e a Situação Atual dos Indígenas no Rio Grande do Norte*. João Pessoa: Mídia, 2015. In. <https://www.researchgate.net>.
- SALES, André Valério. *Arez/RN: História e Política*. João Pessoa, Editora Mídia, 2017. In. <https://www.researchgate.net>.
- SOUTO MAIOR, Pedro. “Uma Assembléia de Índios em Pernambuco no Ano de 1645”. in. *Revista do Instituto Arqueológico e Geográfico Pernambucano*. Recife: IAGPE, vol. XV, nº 79, 1910.

“Traslado do Auto da Repartição das Terras da Capitania do Rio Grande aos 21 Dias do Mês de Fevereiro de 1614”. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte*. Natal: IHG/RN, 1909, v. VII, nº 1 e 2.

VIDAL, Ademar. *Lendas e Superstições – Contos Populares Brasileiros*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1950.

VOVELLE, Michel. *Ideologias e Mentalidades*. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1991. (trad. Maria Julia Cottvasser).

Filme citado:

A Lenda do Cavaleiro sem Cabeça. Direção: Tim Burton, 1999.